

METODOLOGIA DE PESQUISA CIENTÍFICA

SIDERLY DO CARMO DAHLE DE ALMEIDA

DIGITAL 

SOBRE OS AUTORES

Siderly Do Carmo Dahle De Almeida

Doutora em Educação Currículo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP.

Mestra em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUC-PR.

Especialista em Gestão da Informação pela Fundação de Estudos Sociais do Paraná – FESP e Especialista em Educação a Distância pela Faculdade Educacional da Lapa – FAEL.

Doutora em Educação e Currículo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2012) e Mestre em Educação pela PUC-PR (2006). Especialista em Gestão da Informação pela Fundação de Estudos Sociais do Paraná (1999) e em Educação a Distância pela Faculdade Educacional da Lapa (2009). É graduada em biblioteconomia pela Universidade Federal do Paraná (1988) e em Pedagogia pela Universidade Castelo Branco (2010). Desenvolve pesquisas e tem experiência na área de Educação, com ênfase em currículo, tecnologias e mídias educacionais, formação de professores, metodologia da pesquisa. Atuou na Prefeitura Municipal de Curitiba com Educação básica por 15 anos. Implantou e coordenou os Faróis do Saber, bibliotecas de bairro instaladas nas Escolas Municipais e atuou na Coordenação Pedagógica das Usinas de Conhecimento, programa do governo instalado em alguns municípios do Estado do Paraná. Coordenou, por 6 anos, o Núcleo de Aprendizagem e Aprimoramento para a Amadurecência da PUC-PR. Trabalhou na Unicesumar como Coordenadora dos cursos de pós-graduação na área de educação na modalidade a distância. Foi docente do Programa de Mestrado em Gestão do Conhecimento nas Organizações e Pesquisadora do Instituto Cesumar de Ciência, Tecnologia e Inovação (ICETI). Atualmente, é coordenadora e docente do Programa de Mestrado Profissional em Educação e Novas Tecnologias da Uninter e coordenadora do curso de Pedagogia na mesma instituição.

Introdução

Prezado(a) aluno(a), seja bem-vindo(a) à Disciplina de Metodologia da Pesquisa Científica! Os conteúdos aqui abordados foram selecionados e organizados cuidadosamente, buscando primar por uma linguagem clara e precisa. A disciplina de Metodologia Científica é importante não apenas em sua vida acadêmica, mas também em sua vida profissional, enquanto pesquisador(a) em sua área de estudo.

Os conteúdos privilegiam, na primeira unidade, a questão do mito como primeira forma de conhecimento, a função da memória, as dimensões da disciplina de Metodologia Científica, as características do conhecimento humano e o conceito de ciência.

A segunda unidade contempla o conceito de pesquisa científica, como deve ser a organização desta, oferecendo um “passo a passo” de como os projetos de pesquisa devem ser elaborados, elucidando as diferenças entre título e tema, a importância de ter muito claro qual o problema que se pretende pesquisar e quais as relações entre esse problema e os objetivos da pesquisa. Serão apresentadas algumas possibilidades de fontes de pesquisa e ainda, onde é possível localizá-las.

Na terceira unidade, vamos compreender como fazer uso das fontes escolhidas, nos dedicando a verificar como fazer as citações e as referências dos materiais que utilizamos para não cairmos na tentação do plágio. Também vamos analisar como estruturar nossa pesquisa de modo a torná-la comprehensível aos leitores para assim poder disseminá-la por meio de publicações em periódicos, congressos, livros etc.

Na quarta unidade, vamos compreender as principais características de um trabalho monográfico, identificando os princípios gerais para elaboração de trabalhos acadêmicos visando a sua apresentação à instituição, vamos distinguir os

diferentes elementos que compõem a estrutura dos trabalhos acadêmicos e, por último, vamos analisar a importância da comunicação da pesquisa, seja por meio de publicação em eventos, artigos de revistas, publicação de livro etc.

Desejo muito sucesso em sua vida acadêmica e profissional!

UNIDADE I

Ciência e conhecimento científico

Siderly do Carmo Dahle de Almeida

O percurso histórico da ciência e da produção do conhecimento relaciona-se intimamente com a própria história da humanidade e seu desenvolvimento. Os recentes estudos da neurociência têm mostrado, também, que a evolução da mente humana seguiu etapas sucessivas, a partir das quais novas capacidades e habilidades foram sendo introduzidas nos complexos circuitos neurais da mente.

Embora não se possa, ainda, fazer uma varredura histórica de longo alcance no que diz respeito ao desenvolvimento do conhecimento (enquanto a evolução do cérebro tem um registro de 100 milhões de anos, a ciência pode se debruçar apenas sobre os últimos 10 mil anos de sua história), vamos indicar algumas passagens significativas para a compreensão do processo histórico de desenvolvimento da ciência e do conhecimento ocidentais.

Vamos ainda identificar as dimensões formativas da disciplina de Metodologia da Pesquisa Científica, assim como a importância da organização dos estudos e das atividades de pesquisa, analisando conceitos e conteúdos pertinentes à pesquisa científica.

O mito como primeira forma de conhecimento

A primeira forma de conhecimento é o mito. Antes de uma forma de explicação lógico-racional, o mito se manifesta como uma primeira tentativa de desvelar o cosmos e a existência humana. Ele cumpre a função de trazer as respostas das questões que sua natureza impõe. Destituído de um rigor lógico, ele está assentado em crenças e lendas que servem para explicar a origem de todas as coisas.

Vernant (1973, p. 301) afirma que no mito a noção de origem se confunde com nascimento, e a noção de produzir com a de gerar, assim “**a explicação do devir assentava na imagem mítica da união sexual. Compreender era achar o pai e a mãe: desenhar a árvore genealógica**”. Através dos sucessivos nascimentos, frutos da união de forças opostas ou do confronto dessas forças, era estabelecida a ordem no mundo e entre os deuses. Assim, o mundo dos homens era um reflexo do mundo dos deuses e, pela racionalização dos deuses e dos mitos, estabelecia-se uma racionalidade para a vida humana (ANDERY, 2003, p. 30).

De acordo com Andery (2003, p. 20), a palavra mito vem do grego *mythos* e deriva de dois verbos: *mytheyo* (contar, narrar) e *mytheo* (conversar, anunciar). Para os gregos, o mito é um discurso presenciado por ouvintes que confiam naquele que o está contando. É uma narrativa feita em público, baseada unicamente na confiabilidade da pessoa do narrador. Essa autoridade vem do fato de que ou o narrador testemunhou o que está contando, ou ele recebeu a narrativa de alguém que testemunhou o acontecimento.

O poeta é o escolhido dos deuses para narrar os fatos. Os deuses mostram-lhe, então, tudo que aconteceu no passado e permitem que somente ele veja a origem de todos os seres e de todas as coisas. Dessa maneira, sua palavra - do mito - é sagrada, pois vem de uma revelação divina, sendo incontestável e inquestionável. É objeto de crença, de fé. Para eles, o que o poeta contava era absolutamente verdadeiro. De certa forma, o professor assume, ao longo da história, a mesma função do poeta mítico. Ele tem acesso à verdade, a conhece a fundo e, por essa razão, pode e deve ensiná-la aos outros, aos que não sabem.

No relato mitológico, não há a relação de saber-poder, pois não se trata de uma descrição objetiva da realidade, mas apenas uma forma mágica de explicar a realidade, pois não tem relação de causalidade. É uma tentativa, um esforço que nunca chega a se realizar completamente, um empenho marcado por tentativas e erros, a partir dos quais ninguém pode oprimir ninguém, mas apenas colaborar mutuamente para responder às dúvidas que afligem a humanidade.

¶ Para refletir

Esse conceito pode (e deve!) ser trazido para nossa realidade.

Quantas vezes nos sentimos ameaçados por situações que desconhecemos? Nossa primeira reação não é buscar respostas para nossas angústias e dúvidas? Hoje, podemos contar com as tecnologias da informação que rapidamente nos apontam caminhos, facilitando nossa vida. Mas quem alimenta esses sites de busca com conhecimento?

A função da memória

Característica relevante do mito para a compreensão da história do conhecimento e da pesquisa é a função memorial. Mais do que simples relato, o mito serve de instrumento teórico para conservar a memória da cultura que o gerou. De acordo com Chauí (2003, p. 138), como consciência da diferença temporal - passado, presente e futuro -,

a memória é uma forma de percepção interna chamada introspecção, cujo objeto é interior ao sujeito do conhecimento: as coisas passadas lembradas, o próprio passado do sujeito e o passado relatado ou registrado por outros em narrativas orais e escritas.

O mito tem, nas sociedades arcaicas, a propriedade fundamental de recordar aquilo que já passou. Esse “recordar” significa resgatar o instante originário tornando-o eterno e, portanto, divergente de nossa experiência de tempo como aquilo que passa e acaba. A recordação tem o poder de tornar o passado imortal. Eliade (1986, p.19) afirma que **“Conhecer os mitos é aprender o segredo da origem das coisas. Por outras palavras, aprende-se não só como as coisas passaram a existir, mas também onde as encontrar e como fazê-las ressurgir quando elas desaparecem”**. A memória tem, então, por função um “reviver”, ou seja, fazer viver novamente num outro tempo o que se viveu na origem.

Em nossa sociedade, a memória é, por vezes, valorizada, por outras, completamente desvalorizada. É valorizada com a intensa multiplicação dos meios de registro e gravação dos fatos, acontecimentos e pessoas, através de computadores, filmes, vídeos, cds, dvds, fitas cassete, livros e ainda das instituições que os preservam - bibliotecas, museus, arquivos, centros de informação.

É valorizada também por certas ciências como a biologia molecular que fala em "memória genética", quando poderia falar em hereditariedade. Porém, a memória é desvalorizada quando considerada substituível, enquanto capacidade essencial para o conhecimento, por máquinas cada vez mais potentes. É desvalorizada quando, nesta sociedade consumista em que vivemos, tratamos a maioria dos objetos como descartáveis, dando ouvidos à publicidade e à propaganda que nos fazem optar sempre pelo "novo", pelo "moderno", ou pela "última moda", pois a indústria e o comércio só terão lucro se não conservarmos as coisas e quisermos sempre o "novo".

A memória é desvalorizada quando a construção civil destrói cidades inteiras em nome da modernidade, destruindo a memória e a história dessas; quando nossos políticos se beneficiam de nossa "ausência de memória", ao se candidatarem para cargos em que já provaram não estarem aptos para assumir. A desvalorização da memória aparece também quando tratamos nossos idosos com desrespeito, considerando-os inúteis e inservíveis, quando, na verdade, são portadores de tanto saber e, por isso, deveriam ser amados e admirados por todos.

Esse olhar negativo sobre a memória se deve ao fato de que alguns pesquisadores passaram a entender que a memória poderia ser um episódio apenas biológico, ou seja, um modo de funcionamento das células do cérebro que registram e gravam percepções e ideias, gestos e palavras. Para esses pesquisadores, a memória se reduziria ao registro cerebral ou à gravação automática pelo cérebro de fatos, acontecimentos, coisas, pessoas e relatos.

De acordo com Chauí (2003, p. 140), essa teoria de memória não se sustenta, pois, se a memória fosse apenas o registro cerebral de coisas do passado, não se poderia explicar o fenômeno da lembrança, ou seja, "**que selecionamos e escolhemos o que lembramos e que a lembrança tem, como a percepção, aspectos afetivos, sentimentais, valorativos**". Também não seria possível explicar o esquecimento, "**pois se tudo está espontânea e automaticamente registrado e gravado em**

“nossa memória é como o cérebro, não poderíamos esquecer coisa alguma nem poderíamos ter dificuldade para lembrar certas coisas e facilidade para recordar outras tantas” (CHAUI, 2003, p. 140).

Observamos não apenas a importância da memória individual como fonte de conhecimento, mas, principalmente, a premência da memória social ou histórica, que é fixada por meio de mitos fundadores e de relatos, registros, documentos, monumentos, datas e nomes de pessoas, fatos e lugares que possuem significado para a vida coletiva, que é resguardada sobretudo em bibliotecas e museus e assim é a nós disponibilizada para pesquisarmos, estudarmos e transformarmos em novos conhecimentos, num intenso e contínuo processo de construção e reconstrução da aprendizagem.

Dimensões da disciplina de Metodologia Científica

Vamos estabelecer uma compreensão do significado do termo “metodologia”. Etimologicamente, metodologia origina-se de três termos: **meta**: ao largo de, em torno de; **odos**: caminho; **logos**: discurso, estudo. Em síntese, pode-se afirmar que metodologia é o estudo sobre o caminho, as formas, as maneiras, os procedimentos, as ferramentas utilizadas para se atingir à finalidade da pesquisa, ou seja, a produção do conhecimento científico. É o conjunto de procedimentos técnicos e metódicos das ciências (MINAYO, 2013).

Trata-se de uma dimensão instrumental para a realização da pesquisa, objetivando a construção de determinadas verdades, determinadas interpretações, por meio de conceitos e teorias. Todas as ciências vinculam-se a determinadas metodologias para a averiguação ou verificação de seus conhecimentos.

A disciplina de Metodologia da Pesquisa carrega duas dimensões distintas, mas profunda e mutuamente interligadas e interdependentes: a dimensão **formal** e a dimensão **criativa**. A compreensão dessas duas dimensões possibilitará ao pesquisador iniciante a aproximação e a aprendizagem adequada de todos os conteúdos exigidos pela disciplina. Para o bom êxito da pesquisa, é necessário o domínio dessas duas dimensões da disciplina de metodologia científica.

A Dimensão Formal

O que significa a dimensão formal e quais os seus conteúdos? O conceito de metodologia carrega consigo a compreensão de caminhos, formas, maneiras e procedimentos. A dimensão formal da disciplina de metodologia é constituída por todas as regras, as normas, as diretrizes que devem ser seguidas rigorosamente em todas as etapas do processo de elaboração do conhecimento científico.

Como o próprio nome sugere, essa dimensão é uma **atividade-meio** e constitui a forma de apresentar, dispor e comunicar toda a pesquisa científica, desde a elaboração do projeto de pesquisa à redação final, em forma de artigo, monografia, dissertação ou tese.

Sobre a dimensão formal da disciplina de metodologia não há meio termo, ou meias palavras. Para elaborar um trabalho científico, é necessário **obedecer** e **cumprir** todas essas normas em sua integralidade, sem exceção. É importante destacar também que essas normas de metodologia servem e valem para todos.

Para dar conta dessa dimensão da disciplina de metodologia científica, é exigida do estudante uma atitude de cuidado. Ou seja, ao realizar as tarefas de pesquisa, é necessário fazer bem feito, com cuidado e dedicação, cumprindo as exigências desde as margens da folha do texto até as formas adequadas de todas as referências bibliográficas no final do artigo científico.

A dimensão criativa

Outra dimensão constitutiva da disciplina de metodologia científica é a dimensão **criativa** e diz respeito à finalidade e à razão de ser fundante da disciplina. A disciplina de metodologia da pesquisa científica está a serviço da produção, inovação e criação do conhecimento científico. Ela pressupõe o domínio da dimensão formal, mas a disciplina de metodologia potencializa, acima de tudo, o exercício da criatividade, da reflexão, da criticidade, da autonomia e da iniciativa dialógica do estudante de pós-graduação.

De uma atitude receptiva, assimiladora e passiva das elaborações científicas existentes, o estudante lança-se ao desafio de interferir, posicionar-se, questionar-se, reinterpretando e ressignificando abordagens, conceitos e teorias. Enfim, torna-se produtor de novos conhecimentos.

De que forma? Pesquisando! Fazer pesquisa é a finalidade precípua da disciplina de Metodologia da Pesquisa Científica. Para isso, torna-se imprescindível aliar a criatividade ao domínio competente das regras exigidas à produção do conhecimento científico. É um novo caminho a ser trilhado.

Características do conhecimento humano

O conhecimento são as criações intelectuais, as representações intelectuais significativas da realidade, resultantes da interação entre o sujeito cognoscente e o objeto cognoscível, utilizando-se de um determinado método. O conceito do conhecimento traz junto de si a ideia de luz, a luz da inteligência. Conhecer é elucidar a realidade, trazer à luz, iluminar com intensidade, tornando a realidade inteligível, compreensível, apropriada pela inteligência e pelo pensamento humano. Em outras palavras, conhecer é tornar a realidade transparente, clara e cristalina à consciência e à razão humana (KÖCHE, 2013).

O ser humano apropria-se intelectualmente da realidade por meio de sua capacidade (consciência/razão), intenção e desejo de interpelar o mundo, a fim de eliminar ou diminuir o seu estranhamento com o que está a sua volta. Ao conhecer, o ser humano imprime sentidos e significados ao real. Ao desvelar e elucidar o mundo, o sujeito do conhecimento traz ao domínio de sua consciência a exterioridade que até então lhe era estranha, desconhecida.

Elementos que compõem o conhecimento

O conhecimento, ou a atividade do conhecer, de acordo com Luckesi e Passos (2012), é um processo que envolve simultaneamente quatro elementos constitutivos:

- o sujeito cognoscente;
- o objeto cognoscível;
- o método;
- o resultado.

Cada elemento do processo do conhecimento tem suas características próprias, mas só é possível compreendê-lo num complexo processo de interação, intercâmbio e de mútua interferência.

O **sujeito cognoscente** pressupõe como característica fundante alguém que tenha a capacidade de conhecer, portador de consciência, de razão, de pensamento e de racionalidade. O sujeito cognoscente do processo do conhecimento é o ser humano. É o único ser dotado da capacidade de criação de representações significativas da realidade, tendo consciência disso. Ele sabe que sabe. Ao contrário de alguns animais adestrados que até podem 'saber' certas coisas, mas não sabem que sabem, o ser humano é o único capaz de voltar-se sobre o seu próprio pensamento e ter a capacidade de identificar o conteúdo desse pensamento. Ele tem a consciência do seu pensar e do seu ser.

O **objeto cognoscível**, por sua vez, é o outro polo do processo do conhecimento. Por objeto cognoscível comprehende-se todo objeto passível e possível de ser conhecido. Torna-se objeto do conhecimento tudo aquilo que é tomado por uma ação de um sujeito cognoscente, tendo como precondição a sua cognoscibilidade ou possibilidade de ser conhecido.

Os objetos do conhecimento podem ser classificados em **objetos naturais, culturais e ideais**, conforme o ramo das ciências. Em geral, a ciência pode ser concebida como única. Entretanto, cada ciência, dependendo das características de seu objeto, desenvolve determinada metodologia para abordá-lo. Nesse sentido, as ciências podem ser classificadas em ciências naturais, cujos objetos são constituídos e regidos pelas leis da natureza; ciências sociais, cujos objetos são construções humanas/culturais; ciências ideais, cujos objetos existem apenas como construções ideais, como os objetos das ciências lógico-matemáticas.

O conhecimento não acontece apenas com a existência do sujeito cognoscente e do objeto cognoscível. É imprescindível que ocorra um processo de interação entre esses dois elementos, ou seja, é necessário um processo de busca do sujeito em relação ao objeto e, ao mesmo tempo, um processo que possibilite ao objeto mostrar-se ao sujeito. Esse processo de interação entre o sujeito e o objeto pode ser definido como **método**, ou a forma de como se dá essa relação cognoscitiva. Se o conhecimento resulta de um processo de interação entre sujeito e objeto, há uma determinada forma de estabelecer e de realizar essa interação, isto é, um determinado método.

Por fim, em relação aos elementos constitutivos do processo do conhecimento, tem-se o **resultado**. O resultado do processo do conhecimento são as ideias, as representações, os conceitos, as teorias, as verdades construídas resultantes do processo de interação entre o sujeito cognoscente e o objeto cognoscível, utilizando-se de uma determinada forma ou método de realizar esse intercâmbio.

Esquematicamente, podemos ilustrar o processo do conhecimento da seguinte forma:

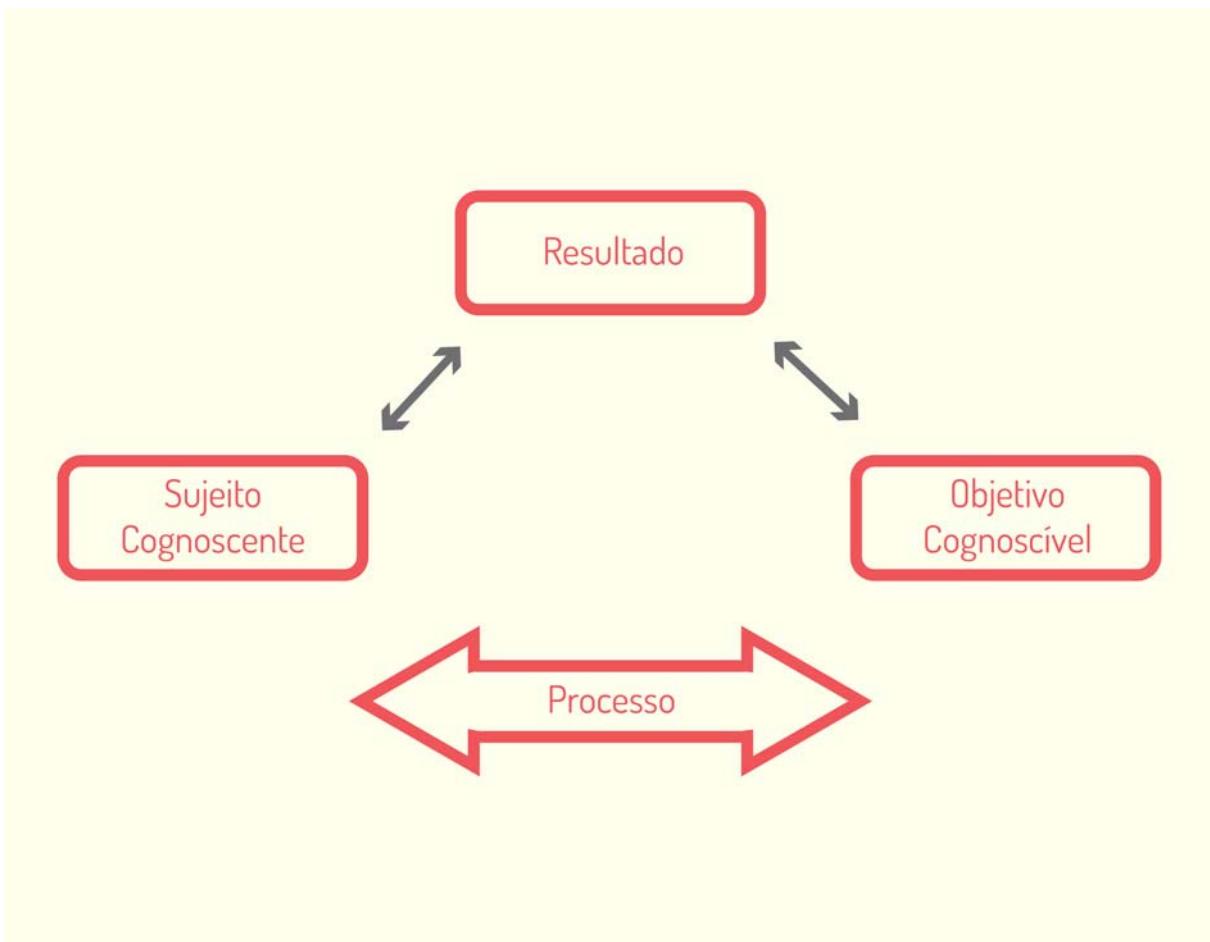


FIGURA 1.1 - O processo de conhecimento FONTE: Elaborada pela autora.

Vamos compreender e diferenciar quatro distintos e importantes conhecimentos para melhor compreender essa concepção.

1. Conhecimento científico

O conhecimento científico é também chamado de racional porque lida com ocorrências ou fatos, valendo-se de experimentos, comprovações, observações. É um conhecimento sistemático posto que valida e comprova aquilo que quer provar. Aliado às tecnologias, é o que mais tem aproximado a humanidade da qualidade

de vida que tanto almejamos, proporcionando avanços no campo da saúde, segurança, educação. O conhecimento científico está em constante transformação, pois, a cada nova descoberta, cai por terra uma verdade anterior.

¶ Ampliando o conhecimento

Para Karl Popper (1902 – 1994), filósofo da ciência nascido em Viena, três universos se distinguem: primeiro, o mundo dos objetos físicos ou de estados materiais; segundo, o mundo de estados de consciência ou de estados mentais, ou talvez ainda, do que ele chama de "disposições comportamentais para agir"; e um terceiro mundo, o mundo dos conteúdos objetivos de pensamento, especialmente de pensamentos científicos e poéticos e de obras de arte (1974).

Fonte: a autora.

Popper enfatiza ainda que a busca do conhecimento não ocorre apenas a partir da observação da realidade, mas, aliado a isso, a partir de um quadro de referências não mais satisfeito. Assim, sempre há uma intenção nas observações realizadas, alterando o quadro de referências existente.

A partir da seleção do objeto que se pretende observar, verifica-se que o quadro de referências existente está defasado. O cientista então propõe uma hipótese geral e desta se deduzem consequências que possibilitam novas experiências. Com isso é possível refutar a teoria anterior, estabelecendo-se um novo conceito por meio do critério de falseabilidade.

2. Conhecimento Popular

Também conhecido como senso comum, fundamenta-se nas experiências de vida e é utilizado desde os primórdios da civilização. Trata-se de um saber que se adquire por meio das vivências, passado de pai para filho, de geração em geração. Envolve tradições, costumes, normas, hábitos.

De acordo com Lakatos e Marconi (2008, p. 76),

O ideal de racionalidade, compreendido como uma sistematização coerente de enunciados fundamentados e passíveis de verificação, é obtido muito mais por intermédio de teorias, que constituem o núcleo da Ciência, do que pelo conhecimento comum, entendido como acumulação de partes ou ‘peças’ de informação frouxamente vinculadas. Por sua vez, o ideal de objetividade, isto é, a construção de imagens da realidade, verdadeiras e impessoais, não pode ser alcançado se não ultrapassar os estreitos limites da vida cotidiana, assim como da experiência particular; é necessário abandonar o ponto de vista antropocêntrico, para formular hipóteses sobre a existência de objetos e fenômenos além da própria percepção de nossos sentidos, submetê-los à verificação planejada e interpretada com o auxílio das teorias. Por esse motivo é que o senso comum, ou o ‘bom-senso’, não pode conseguir mais do que uma objetividade limitada, assim como é limitada sua racionalidade, pois está estreitamente vinculado à percepção e à ação.

Ao contrário do conhecimento científico, não é sistematizado, aprofundado, metodológico, resultando em um conhecimento também denominado vulgar. Não necessita de um parecer da ciência que busca comprovar o que foi dito, pois é informal, ou seja, aceita opiniões, preconceitos e é acrítico. As coisas são como são. Não há preocupação com a veracidade dos fatos.

3. Conhecimento filosófico

É um conhecimento valorativo, tendo seu ponto de partida em hipóteses que não são submetidas a nenhuma observação, não sendo, portanto, verificável. Exige um conjunto de enunciados distintamente correlacionados, sendo racional. Suas hipóteses convergem para uma representação da realidade.

A filosofia se preocupa com respostas aos “porquês” de todas as coisas que existem. Coloca a humanidade em busca de proposições verdadeiras que respondam perguntas de toda natureza: De onde surgimos? Para onde vamos? Qual a razão da vida? Que conceitos podemos atribuir ao espaço e ao tempo? Qual nosso objetivo no mundo?

4. Conhecimento religioso ou teológico

Utiliza-se da razão, mas fundamenta-se essencialmente na fé. Parte da dedução, de uma realidade universal seguindo no sentido de realidades particulares, envolvendo verdades indiscutíveis e infalíveis. Aceita a existência de divindades que revelam aos humanos as verdades que precisam conhecer. Busca explicar medos humanos que a ciência não consegue explicar: O que vem após a morte? O que é a eternidade? Existe céu e inferno? O que é pecado? O que acontece com quem pecou?

Conceito de ciência

A ciência define-se como uma ampla sistematização do conhecimento que abrange distintas proposições que se inter-relacionam a respeito de determinado fato ou fenômeno que se busca estudar. De acordo com Trujillo Ferrari (apud LAKATOS; MARCONI, 2008, p. 80), “**a ciência é todo um conjunto de atitudes e atividades racionais, dirigidas ao sistemático conhecimento com objeto limitado, capaz de ser submetido à verificação**”.

De acordo com Lakatos e Marconi (2008, p. 80), as ciências possuem:

- a. Objetivo ou finalidade: preocupação em distinguir a característica comum ou as leis gerais que regem determinados eventos.
- b. Função: aperfeiçoamento, através do crescente acervo de conhecimentos, da relação do homem com o seu mundo.
- c. Objeto: subdividido em:
 - o Material, aquilo que se pretende estudar, analisar, interpretar ou verificar, de modo geral.
 - o Formal, o enfoque especial, em face das diversas ciências que possuem o mesmo objeto material.

A comunidade científica desloca a ciência do olhar dos processos sociais e, com isso, tira de si o compromisso pelo uso dos resultados alcançados pelas pesquisas. Depois do uso sistemático das ciências e das tecnologias na construção de instrumentos que

serviriam à Primeira Guerra, ao período entre guerras, assim como à Segunda Guerra Mundial, a comunidade científica sentiu-se “imoral”, pois, pela primeira vez, relacionava-se a pesquisa científica a questões políticas.

Os processos que garantem a transformação do que se chama “conhecimento científico” em tecnologia propriamente dita e suas aplicações pela sociedade são originadas de modo linear, principiando-se com o conceito de ciência até a produção de bem-estar social.

Essa concepção de ciência como busca da verdade por meio da razão e da experimentação, com o objetivo de garantir a extensão do conhecimento verificado também coloca o conteúdo do conhecimento fora dos limites da análise sociológica. De acordo com essa concepção, o conhecimento científico só pode ser produzido por cientistas especificamente treinados para produzir conhecimento objetivo.

Além de objetiva, a ciência é vista como a base, a origem da tecnologia. Essa, por sua vez, é uma forma de conhecimento subordinada, dependente da ciência. O processo de transformação do conhecimento científico em tecnologia e sua apropriação pela sociedade são concebidos de forma linear, iniciando-se com a ciência até produzir bem-estar social (ciência básica, ciência aplicada, desenvolvimento tecnológico, inovação, difusão da inovação, crescimento econômico e benefício social). Por essa razão, esse paradigma foi denominado de “ciência como motor do progresso”; tudo se inicia com a ciência.

¶ Ampliando o conhecimento

O paradigma da ciência como motor do progresso é marcado pelo conceito de autonomia da ciência. A comunidade científica proclama a ciência fora dos processos sociais e, consequentemente, libera a si própria de qualquer responsabilidade pelo uso dado aos resultados

de pesquisa. Parecia, então, que a ciência poderia se ligar a ideologias e projetos políticos. Poderia existir uma “ciência nazista”, ou uma ciência socialista, e isso deu nova força a um velho debate sobre a autonomia da ciência em relação à sociedade.

Continue a leitura no endereço:[www.scielo.br](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222011000100006&lng=en&nrm=iso)

Indicação de leitura

Nome do livro: Pesquisa Social: Métodos e Técnica

Editora: Atlas

Autor: Roberto Jarry Richardson

ISBN: 978-85-224-2111-4

Comentário: O livro aborda, além da importância da disciplina de metodologia científica no âmbito acadêmico, a questão de poder contribuir para uma diversidade de atividades, como melhoria dos serviços públicos, planejamento em longo prazo de programas governamentais e privados, diminuição de conflitos nas relações de trabalho, disponibilizando ainda esclarecimentos sobre métodos de pesquisa.

UNIDADE II

Elaboração de projetos e fontes de pesquisa

Siderly do Carmo Dahle de Almeida

A construção do conhecimento científico inicia pela elaboração de um bom projeto de pesquisa, passando, em seguida, pela sua concretização por meio da pesquisa científica e, por fim, pela publicização dos seus resultados, com a redação do artigo final. Todo esse processo de efetivação de construção do conhecimento científico exige do estudante pesquisador uma atitude rigorosa em todas as suas ações, combinada com uma boa organização pessoal e intelectual.

Inúmeras exigências e qualidades são constitutivas do ser do pesquisador. O guia seguro do estudante em sua aventura na produção do conhecimento científico são a organização e o desenho da pesquisa concretizada por meio de seu projeto. A partir do projeto com todas as suas tarefas delineadas, criam-se os laços afetivos e intelectuais entre o pesquisador e seu objeto de pesquisa. Caro(a) estudante de pós-graduação, não perca esta oportunidade de construção e desenvolvimento intelectual. A sua dedicação resultará em realização e satisfação pessoal!

Pesquisa científica

É interessante verificar como os autores que se debruçam sobre um determinado tema o veem e, principalmente, como escrevem sobre ele. É uma oportunidade de estabelecer relações entre o pensamento desses autores e o seu pensamento. Lembre-se, porém, que, sempre que inserir uma citação em seu texto, essa deve ser explicada, ou seja, você precisa deixar claros os motivos que o(a) levaram a inserir tal citação em seu texto. Vamos falar mais a respeito disso na unidade específica sobre citações.

Ao iniciar suas pesquisas, o estudante precisa ter acesso a livros fundamentais para o desenvolvimento de seu trabalho: obras de referência geral, textos de autores clássicos, textos básicos (dicionários, material introdutório ou que aborde a história do tema), revistas científicas e especializadas, enfim, material que abranja a área que se pretende estudar. Esses materiais favorecerão a criação de um contexto ou quadro teórico que permitirá ampla visão do que se deseja pesquisar.

Antes, porém, de se iniciar uma pesquisa, seja ela de que natureza for, é imprescindível estabelecer um mapa que guie prudentemente os estudos do pesquisador. Esse mapa é o projeto de pesquisa e é sobre ele que precisamos nos deter mais demoradamente nesta unidade.

Passos para o desenvolvimento de uma pesquisa

Tal qual conversar com um arquiteto sobre as possibilidades que se têm ao pensar na construção de uma casa, desejando que ele desenhe um projeto que realize um sonho que caiba no bolso, o pesquisador, antes de realizar uma pesquisa, precisa desenvolver um projeto que conte cole suas expectativas e que seja realizável. É o momento do planejamento do que se pretende com a realização da pesquisa.

O projeto não é algo fixo. No decorrer da pesquisa, você pode querer alterar seus objetivos enfocando outros temas que melhor evidenciem o que pretende pesquisar ou, ainda, escolher outros autores para compor o quadro de referências teóricas. Nessa fase, você fará leituras, análises e escolhas, então, tudo é possível.

Por outro lado, o projeto não pode jamais ser confundido com o trabalho em si: o TCC ou trabalho de conclusão de curso (artigo, monografia, dissertação ou tese). O projeto é uma fase da pesquisa, mas não é ele que vai ser publicado, divulgado. No trabalho final, por exemplo, não é necessário fazer um capítulo de fundamentação ou quadro teórico, porém, é esse quadro desenhado no projeto que dará embasamento aos capítulos do trabalho, permitindo que o leitor se dê conta dos autores que fundamentaram o trabalho.

É o projeto que vai nortear o pesquisador ao longo de todo o processo e compõe-se basicamente dos seguintes passos:

- a. Definição do tema.
- b. Determinação do problema.
- c. Elaboração dos objetivos.
- d. Explicitação da justificativa.
- e. Escolha da metodologia.
- f. Fundamentação teórica.
- g. Elaboração do cronograma.

Vamos agora verificar de que modo é possível desenvolver cada um desses passos e a importância deles para a execução de uma pesquisa.

Definição do tema

Ao selecionar o tema que pretende pesquisar, algumas competências se fazem imprescindíveis ao autor. Vamos enumerar algumas delas:

- a. Relação pesquisador x tema: é muito importante que o pesquisador tenha alguma intimidade com o tema que pretende pesquisar, caso contrário, não sabe nem por onde começar seu trabalho. Portanto, antes de se propor a pesquisar qualquer tema, são necessárias muitas leituras e discussões que despertem o interesse do pesquisador. Se for um trabalho que demande mais tempo, como uma dissertação ou uma tese, caberá ao autor a tarefa de se deparar diariamente com livros, reportagens, artigos por um ano ou mais. Imagine fazer isso sem gostar ou ter intimidade com o assunto escolhido?
- b. Curiosidade epistemológica: a curiosidade é o desejo de aprender, de descobrir, de saber sobre algum objeto. Para isso, tal "objeto" deve despertar o interesse do pesquisador, fazendo-o indagar sobre todos os aspectos que o compõem. A epistemologia, como já vimos, é a relação que se estabelece entre um sujeito e um objeto, ainda que esse objeto seja o próprio sujeito.
- c. Pensamento criativo: fazer sempre o mesmo percurso entre a casa e o trabalho, por exemplo, não permite a expressão da criatividade, pois o sujeito o faz automaticamente. Possibilitar a expressão da criatividade exige se propor a pensar um mesmo problema através de outros prismas, imaginando diversas soluções, por mais estranhas que pareçam em um primeiro momento.
- d. Honestidade intelectual: ao realizar um trabalho de pesquisa, é necessário ser muito fiel aos autores lidos. Sempre que utilizar ideias, textos, conceitos de outros autores, esses devem obrigatoriamente ser citados, seja em forma de paráfrase, seja em forma de citação literal (como veremos neste livro mais adiante). Utilizar conceitos de outros autores sem citá-los é caracterizado como

plágio, é um “roubo” de ideias e, como tal, deve ser punido. Sabemos o quanto é difícil produzir um texto. Às vezes, nos debruçamos por horas sobre um papel em branco para produzir algumas poucas linhas. Imagine ver essas linhas que você produziu assinadas por outra pessoa? Nada agradável, não é mesmo?

- e. Autocorreção: ao se propor a escrever um texto, é necessário ir refazendo a leitura desse durante sua tessitura para verificar se ficou inteligível, se está com as ideias concatenadas, se faz sentido ao leitor. Por vezes, escrevemos para “cumprir protocolo” e acabamos não relendo a produção. Resultado: o texto pode ficar truncado, sem sentido para o consumidor final, isto é, o leitor. É preciso sempre ter a preocupação em oferecer um texto claro, coeso, coerente e lógico.
- f. Paciência: dificilmente acertamos na escrita de um texto em uma primeira tentativa. Comumente produzimos um parágrafo, lemos, apagamos algumas partes, reescrevemos, relemos, procuramos outros autores, apagamos tudo, escrevemos novamente... é um exercício de paciência e, como tal, deve ser respeitado. Um texto só é bom o suficiente quando lemos e gostamos do que foi produzido, portanto, nada de pressa. Se for para produzir qualquer coisa, melhor nem começar.

A pesquisa bibliográfica, tal qual qualquer tipo de pesquisa, só se faz possível a partir da escolha de um tema. Para isso, sugiro aos alunos que “revisitem” suas anotações nos cadernos, nos textos lidos, relembrem das aulas dadas e mantenham foco naquilo que mais lhes chamou a atenção de tudo que ouviram ou leram. É aí que “mora” o interesse do pesquisador. É necessário haver um vínculo de interesse entre o pesquisador e o tema a pesquisar, visto que será necessário um longo período de relação entre ambos, necessitando de energia e vontade para cumprir com a tarefa proposta.

O orientador do trabalho também desenvolve importante papel, pois é ele quem vai dar o caminho ao aluno para que este o percorra, portanto orientando e orientador devem ser partícipes das mesmas discussões. Gil (2009, p. 60) analisa que

Para escolher adequadamente um tema, é necessário ter refletido sobre diferentes temas. Assim, algumas perguntas poderão auxiliar nessa escolha, tais como:
Quais os campos de sua especialidade que mais lhe interessam? Quais os temas que mais o instigam? De tudo o que você tem estudado, o que lhe dá mais vontade de se aprofundar e pesquisar?

Conforme se observa, é imprescindível que o(a) aluno(a) sinta-se motivado(a) a ler e debater sobre o tema escolhido, procurando respostas, esclarecendo conceitos, dirimindo dúvidas, e isso torna-se muito mais prazeroso se houver, de fato, interesse pelo tema. Para delimitar um tema, é preciso verificar qual abordagem dele que mais interessa ao pesquisador e com qual mais se tem afinidade.

E lembre-se: tema é diferente de título. Claro que os dois obrigatoriamente estão intrinsecamente relacionados, porém, o título do trabalho pode ser atribuído ao final da produção, após todo o processo de pesquisa, enquanto o tema é o primeiro a ser definido.

Determinação do problema de pesquisa

Após a escolha do tema, cabe ao pesquisador transformar o tema em um problema para o qual se buscará apontar soluções. O tema deve ser passível de questionamento e, portanto, o problema deve ser redigido em forma de pergunta e

estar intimamente relacionado ao objetivo geral que se pretende atingir, a partir das leituras e das interferências realizadas pelo pesquisador.

As perguntas devem ser formuladas de tal forma que haja possibilidade de respostas utilizando a pesquisa.

Nunca se passa diretamente da escolha do tema à coleta de dados, pois as vantagens da formulação do problema são inegáveis:

- a. Delimita, com exatidão, qual tipo de resposta deve ser procurada.
- b. Leva o pesquisador a uma reflexão benéfica e proveitosa sobre o assunto.
- c. Fixa, frequentemente, roteiros para o início do levantamento bibliográfico e da coleta de dados.
- d. Auxilia, na prática, a escolha de cabeçalhos para o sistema de tomada de apontamentos.
- e. Discrimina com precisão os apontamentos que serão tomados, isto é, todos e tão somente aqueles que respondem às perguntas formuladas (CERVO; BERVIAN, 2003)

Elaboração dos objetivos da pesquisa

Os objetivos propostos para o trabalho de pesquisa é que vão definir o problema sobre o qual o autor pretende se debruçar e a forma pela qual pretende encontrar e propor soluções. Obrigatoriamente os objetivos começam com um verbo no infinitivo e se dividem em objetivo geral e objetivos específicos.

- a. O objetivo geral é aquele que visa determinar a que propósito a pesquisa será realizada. Cervo e Bervian (2003, p. 83) alertam que "**em pesquisas bibliográficas em nível de graduação, os propósitos são essencialmente acadêmicos,**

como mapear, identificar, levantar, diagnosticar, traçar o perfil ou historiar determinado assunto”.

b. Objetivos específicos: neste caso, deve-se pensar no aprofundamento que se deseja dar ao tema. Normalmente, para dar equilíbrio ao trabalho, cada objetivo específico determinado pelo autor dará origem a um capítulo do trabalho. Portanto, é imprescindível pensar estratégicamente em um pequeno sumário do trabalho ao propor os objetivos específicos.

Outro ponto importante a destacar é que, ao definir os objetivos, devemos pensar nos objetivos que pretendemos atingir com aquele trabalho. É muito comum que os pesquisadores pouco experientes proponham objetivos práticos impossíveis de serem alcançados em um trabalho científico. Por exemplo:

- Organizar as finanças de uma empresa.
- Investir para garantia de um futuro estável e próspero.

Sem dúvida, esses dois objetivos são muito relevantes, mas são de ordem prática. Um trabalho de pesquisa não consegue atingir tais objetivos. Portanto, mais uma vez, a escolha do verbo fará toda a diferença. Procure se ater a verbos como: distinguir, conceituar, definir, identificar, propor, sugerir, levantar, mapear, diagnosticar, historiar, verificar.

Explicitação da justificativa

A justificativa configura a resposta à questão “por quê?”. Nessa fase, é preciso refletir e explicitar as razões que levaram o pesquisador a escolher aquele tema, demonstrando toda a intimidade e o conforto que o autor tem ao versar sobre o mesmo.

Ampliando o conhecimento

Segundo Lakatos e Marconi (2008, p. 221), a justificativa deve se preocupar em enfatizar:

- O estágio em que se encontra a teoria respeitante ao tema;
- As contribuições teóricas que a pesquisa pode trazer;
- Confirmação geral
- Confirmação na sociedade particular em que se insere a pesquisa
- Especificação para casos particulares
- Clarificação da teoria
- Resolução de pontos obscuros etc;
- Importância do tema do ponto de vista geral;
- Importância do tema para os casos particulares em questão;
- Possibilidade de sugerir modificações no âmbito da realidade abarcada pelo tema proposto;
- Descoberta de soluções para casos gerais e/ou particulares etc.

A justificativa não deve apresentar citações de outros autores, pois configura-se na justificativa pessoal do autor, ressaltando e evidenciando as razões e a importância de se pesquisar sobre aquele assunto, buscando convencer o leitor de seus objetivos com a realização daquele trabalho.

Escolha da metodologia

Nessa fase do projeto, o autor deve descrever claramente os procedimentos que irá realizar para atingir os resultados propostos nos objetivos.

Algumas questões são fundamentais para a realização de tal fase: definir o tipo de pesquisa que se pretende desenvolver, demarcar qual a população e a amostra a ser estudada, descrever como os dados serão coletados e, por fim, apresentar a análise detalhada dos dados obtidos.

Tipo de pesquisa: deve-se esclarecer se a pesquisa é de natureza exploratória, descritiva ou explicativa.

Convém, ainda, analisar acerca do tipo de delineamento a ser adotado (pesquisa experimental, levantamento, estudo de caso, pesquisa bibliográfica etc.);

População e amostra: envolve informações acerca do universo a ser estudado, da extensão da amostra e da maneira como será selecionada;

Coleta de dados: envolve a descrição das técnicas a serem utilizadas para coleta de dados. Modelos de questionários, testes ou escalas deverão ser incluídos, quando for o caso. Quando a pesquisa envolver técnicas de entrevista ou de observação, deverão ser incluídos nesta parte também os roteiros a serem seguidos.

Análise dos dados: envolve a descrição dos procedimentos a serem adotados tanto para análise quantitativa (por exemplo: testes de hipótese, testes de correlação) quanto qualitativa (por exemplo: análise de conteúdo, análise de discurso).

(GIL, 2009, p. 162)

Após definição do tipo de pesquisa e da população a ser pesquisada, o autor pode se utilizar de diferentes técnicas que possibilitem atingir seu objetivo. Tais técnicas apresentam fundamentalmente dois eixos, a saber, a documentação indireta que envolve a pesquisa documental e a pesquisa bibliográfica, e a documentação direta. De acordo com Lakatos e Marconi (2008, p. 224), a documentação direta se subdivide em:

Observação direta intensiva, com as técnicas da:
Observação: utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar. Pode ser: sistemática, assistemática; participante, não-participante; individual; em equipe, na vida real, em laboratório;

Entrevista: é uma conversação efetuada face a face, de maneira metódica; proporciona ao entrevistador, verbalmente, a informação necessária. Tipos: padronizada ou estruturada, despadronizada ou não estruturada, painel.

Observação direta extensiva, apresentando as técnicas:

Questionário: constituído por uma série de perguntas que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do pesquisador;

Formulário: roteiro de perguntas enunciadas pelo entrevistador e preenchidas por ele com as respostas do pesquisado;

Análise de conteúdo: permite a descrição sistemática, objetiva e quantitativa do conteúdo da comunicação;

História de vida: tenta obter dados relativos à "experiência íntima" de alguém que tenha significado importante para o conhecimento do objeto em estudo

Definido o tipo de pesquisa, o pesquisador deve descrever detalhadamente a técnica e os passos que envolvem sua aplicação, indicando qual a população e a amostra que se vai levantar, como chegou à definição de tal amostra e a forma como os dados serão tabulados, representados e, posteriormente, analisados e interpretados.

A análise dos dados busca evidenciar as relações que podem ser compreendidas entre o fenômeno que está sendo estudado e outros fatores que direta ou indiretamente influenciem o estudo em questão. É nessa fase que as hipóteses já levantadas serão refutadas ou confirmadas. Na interpretação, realiza-se uma atividade mais ampla de buscar significados às respostas encontradas, relacionando os dados obtidos à teoria estudada.

Para representar os dados, o pesquisador pode optar por tabelas, gráficos, quadros que contribuam tanto para o pesquisador distinguir diferenças e estabelecer relações entre os dados, quanto para facilitar a análise de tais dados pelo leitor posteriormente.

Revisão de bibliografia

Nessa fase da pesquisa, apresentam-se os pressupostos teóricos que embasam o estudo em questão e sobre os quais o pesquisador irá fundamentar tais estudos, lembrando que, rigorosamente, nenhuma pesquisa parte do nada ou da estaca zero.

 Para refletir

Os autores lidos e escolhidos para compor a fundamentação teórica impregnarão de legitimidade e autoridade a pesquisa, tornando-a “confiável” aos olhos do leitor.

Segundo Lakatos e Marconi (2008, p. 227), “**a citação das principais conclusões a que outros autores chegaram permite salientar a contribuição da pesquisa realizada, demonstrar contradições ou reafirmar comportamentos e atitudes.**” Portanto, é imprescindível escolher bem as fontes de pesquisa, levantando autores que se debruçaram sobre o assunto escolhido e, portanto, adquiriram autoridade no tema.

Nessa fase, cabe ao autor identificar as fontes que irão compor o trabalho e que ajudarão na busca de possíveis soluções ao problema de pesquisa. As fontes mais conhecidas e utilizadas são, por excelência, os livros. Existe, porém, uma gama de materiais que podem ser utilizados, a qual veremos ainda nesta unidade em “Levantamento e localização de fontes”.

Elaboração do cronograma

Ao se elaborar o cronograma da pesquisa, a pergunta fundamental a ser respondida é “quando?”. É preciso estabelecer claramente os passos de desenvolvimento da pesquisa, atribuindo e prevendo a cada um deles um prazo de execução. Esse cronograma pode ser representado por uma tabela do Excel que indique, em suas linhas, as fases da pesquisa e, em suas colunas, o tempo previsto para execução.

Referências

Liste ao final do projeto todas as referências que foram utilizadas em sua composição, mas lembre-se: apenas aquelas que foram citadas no documento. As demais, aquelas que apenas fizemos leituras, mas não trouxemos para o texto, não podem figurar na seção referências. Consulte as normas técnicas para elaboração das referências, colocando estas em ordem alfabética. Importante lembrar ainda que a lista vai aumentar na produção da pesquisa, pois outras fontes serão consultadas.

Identificando as fontes para a pesquisa

Organizado o plano de ação, o próximo passo consiste em levantar e identificar que fontes serão capazes de fundamentar as respostas que buscamos com o desenvolvimento de nosso trabalho. Para essa fase, o auxílio do orientador é essencial, pois ele conhece quem são os autores primordiais que já têm publicações acerca do tema e que não podemos deixar de consultar e ler.

Além dos livros já anteriormente citados, pode-se fazer uso de obras de referência, monografias, dissertações e teses, periódicos científicos, anais de congressos, periódicos indexados e internet.

Antes de iniciar o processo de exploração das fontes, é preciso rever a estrutura pensada e anunciada no projeto de pesquisa. Tais ideias serão o roteiro para que melhor se desenvolva a atividade investigativa. Nessa fase, nem tudo que foi separado para dar embasamento à pesquisa será necessariamente utilizado. Inicia-se o processo de triagem, buscando ler inicialmente o que há de mais novo e geral sobre o tema para depois proceder à leitura de material mais antigo e particular. O

material recente oferece uma retomada das contribuições de outros autores que já se debruçaram sobre o assunto. Se o pesquisador achar viável, pode lançar mão do material citado. O material generalista - enciclopédias, dicionários, obras antigas - possibilitará uma ampla visão ao pesquisador que poderá nessa fase decidir quais rumos a pesquisa irá tomar, explorando então os trabalhos mais especializados sobre aquele assunto.

Literatura corrente

De modo geral, sabemos que os livros incluem tanto gêneros literários (romances, crônicas, poesia etc.) quanto obras que se propõem a evidenciar conhecimentos científicos ou técnicos. São obras que incluem reflexões teóricas e apresentam conhecimentos e subsídios para a elaboração de um trabalho de pesquisa e que comunicam de modo sistemático os assuntos que se relacionam a certos campos do conhecimento ou ainda divulgam resultados de pesquisa.

Obras de Referência

São as enciclopédias, dicionários, manuais, tratados temáticos que não se objetiva ler do princípio ao fim. Oferecem vasto material de pesquisa, mas deve-se tomar cuidado com a atualidade da obra. Por serem materiais caros, não se faz possível reedição constante, sendo, portanto, muitas vezes considerados desatualizados, oferecendo informações sedimentadas, porém, distantes da evolução ou progresso do tema em questão.

Artigos de Periódicos

Por meio dos periódicos científicos, a comunicação formal de resultado de pesquisas torna-se possível. Os periódicos apresentam maior rapidez na publicação, preço acessível e informação atualizada, sendo bastante comum para embasar trabalhos científicos. Muitos periódicos estão disponíveis na internet, cabendo ao pesquisador distinguir fontes fidedignas. São obras que possuem uma versão impressa e que se mantêm no formato de fascículos. Mais adiante, ainda nesta unidade, vamos expor algumas fontes confiáveis para a realização de pesquisas científicas.

Monografias, Dissertações e Teses

Essas fontes se constituem em importantes subsídios para a pesquisa, apresentando investigações científicas apuradas ou revisões bibliográficas altamente qualificadas, quando bem orientadas. Cabe ao pesquisador dispensar um olhar crítico sobre tais publicações, verificando a procedência da instituição de origem do autor.

Anais de Congressos

Anais de eventos científicos reúnem um conjunto de trabalhos apresentados, palestras, mesas redondas, conferências, ocorridos em determinado encontro, congresso, seminário. São publicados em forma impressa ou meio eletrônico e abrangem conteúdo confiável uma vez que, para que um trabalho seja publicado em um evento, esse passará por uma banca de qualificação.

Internet

A internet tornou-se uma fonte de consulta rápida, barata e relativamente confiável, contudo o pesquisador deve usá-la corretamente no garimpo de informações. O pesquisador pode navegar à vontade e colher elementos para compor seu trabalho, trocar informações com outros pesquisadores e eliminar barreiras espaço-temporais. Mas é preciso estar ciente de que nem tudo que está disponível na rede é verdadeiro, sendo esse o maior problema a ser enfrentado pelo pesquisador.

Localização das fontes

A biblioteca é, por excelência, o local privilegiado para localização de fontes de pesquisa, e o bibliotecário pode auxiliar o pesquisador nessa tarefa, indicando a localização dos livros, dos periódicos e ainda fontes eletrônicas confiáveis.

Ao consultar livros em uma biblioteca, o usuário deve fazer uso do catálogo (real ou virtual), buscando fontes que estarão à disposição por autor, título da obra ou assunto. Em geral, a busca é realizada por assunto, já que nem sempre se sabe o autor ou o título da obra.

O acervo é disposto nas estantes da biblioteca de acordo com o assunto da obra. Se o pesquisador estiver com dúvidas sobre o melhor livro, pode solicitar ao bibliotecário que lhe indique em qual estante está aquele assunto, recolhendo algumas obras que considere importante e realizando uma leitura rápida do sumário, das orelhas e da contracapa do livro, antes de se decidir sobre qual levar para casa, uma vez que todas as bibliotecas restringem o número de volumes que se pode emprestar.

Pesquisando em Livros

Se você conseguir escolher os livros que deseja pelo catálogo, deve anotar o seu "número de chamada", que é aquele bloco de números na etiqueta da lombada do livro.

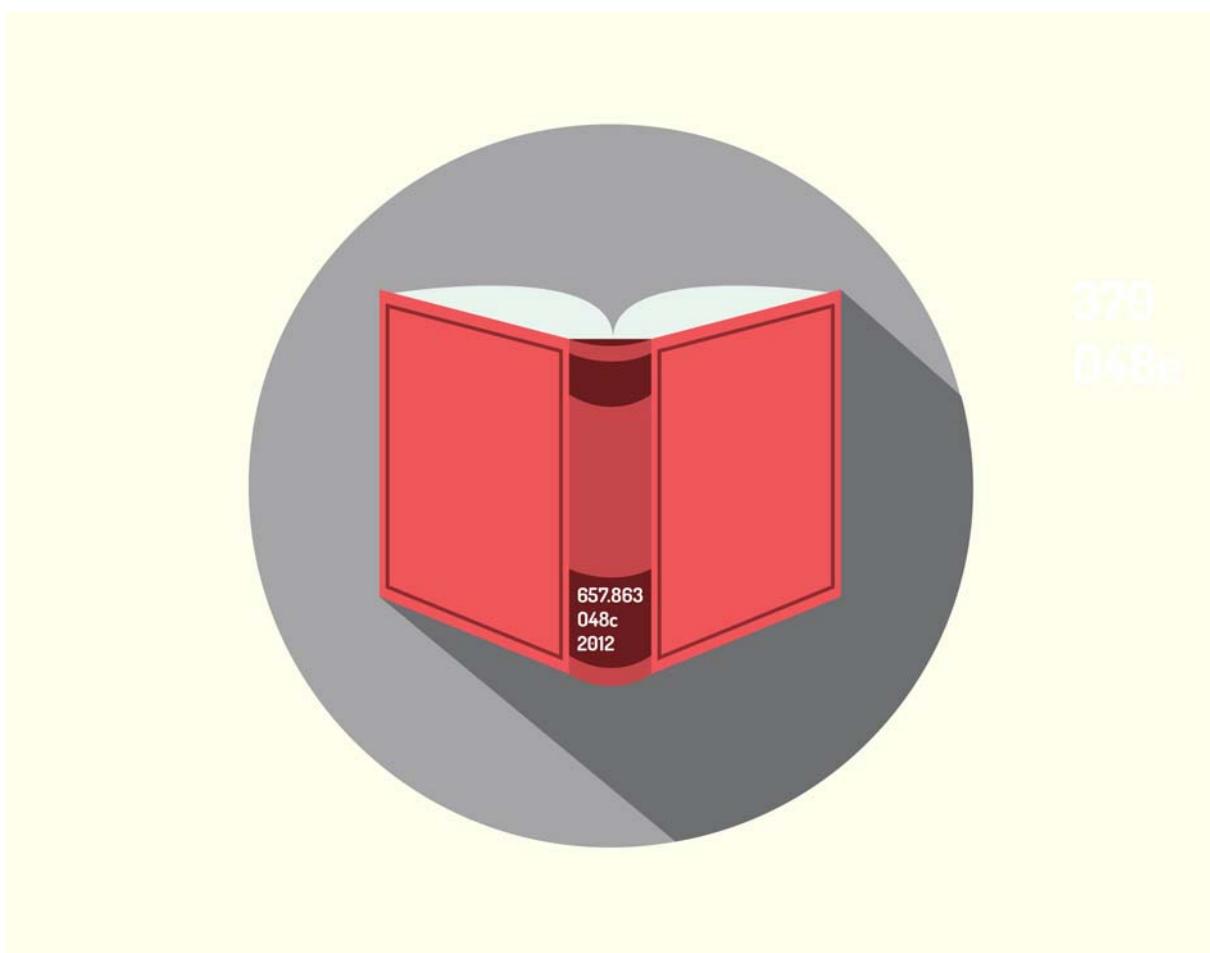


FIGURA 1.4 - Exemplo de número de chamada no livro FONTE: AUTORIA PRÓPRIA

Vamos entender:

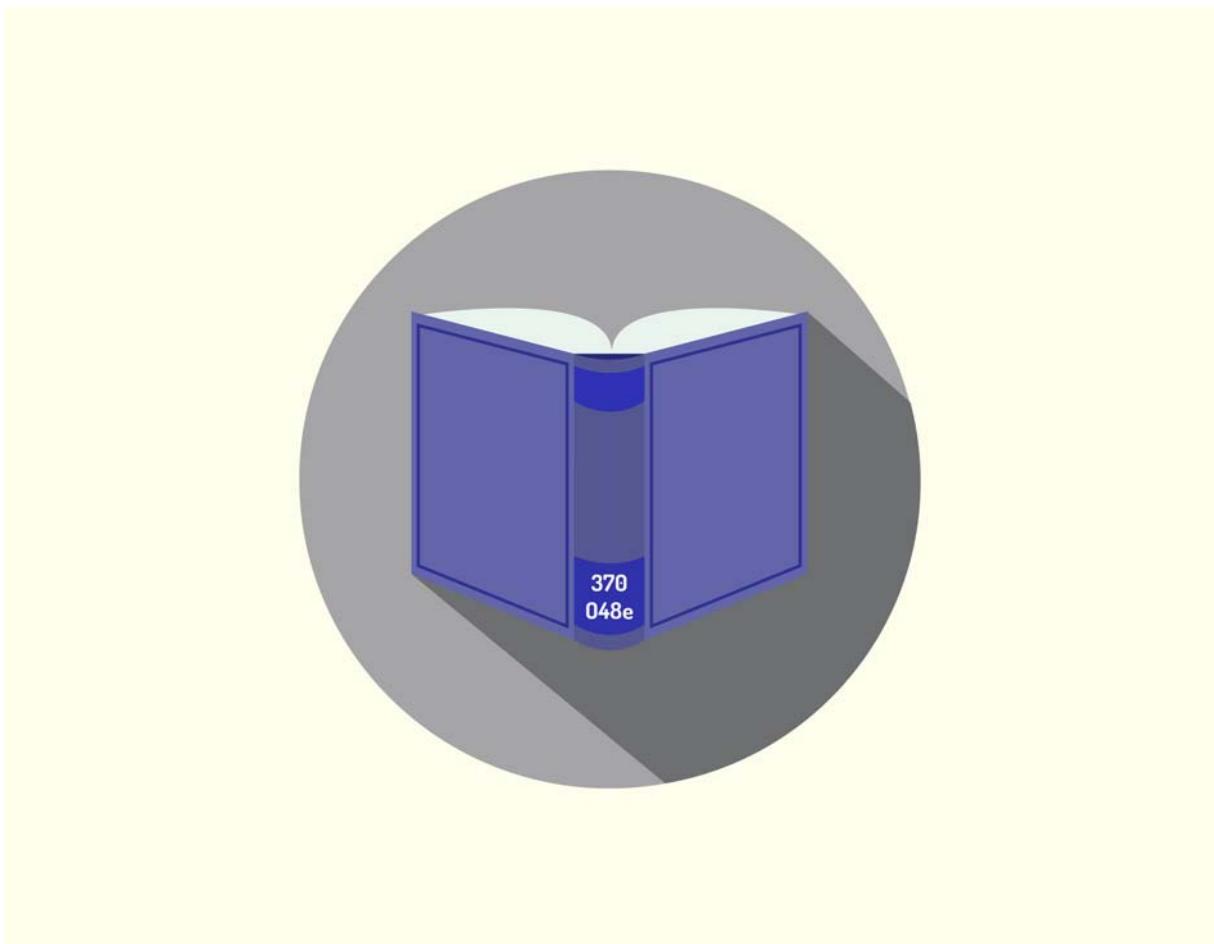


FIGURA 2.4 - o número de chamada FONTE: Autoria própria

Na primeira linha, figura o código de classificação do livro, definindo o assunto. Todos os livros sobre educação, por exemplo estarão juntos na estante, guiados por tal número. Na segunda linha, temos a notação de autor, que contém a primeira letra do sobrenome do autor, no caso Oliveira, seguido de 48 (retirado da tabela Cutter criada especificamente para esse fim), e a primeira letra do título do livro em minúsculo: "e", de Educação. A terceira linha apresenta o ano do livro.

Pesquisando em Revistas

As revistas ou periódicos são excelentes fontes de consulta, pois, por serem de mais fácil publicação que o livro, tendem a apresentar os assuntos de modo mais atualizado.

Muitos periódicos também já estão disponíveis na Internet em formato digital. A Capes, no endereço eletrônico www.periodicos.capes.gov.br <<http://www.periodicos.capes.gov.br/>>, oferece um portal de periódicos muito interessante e de fácil acesso:

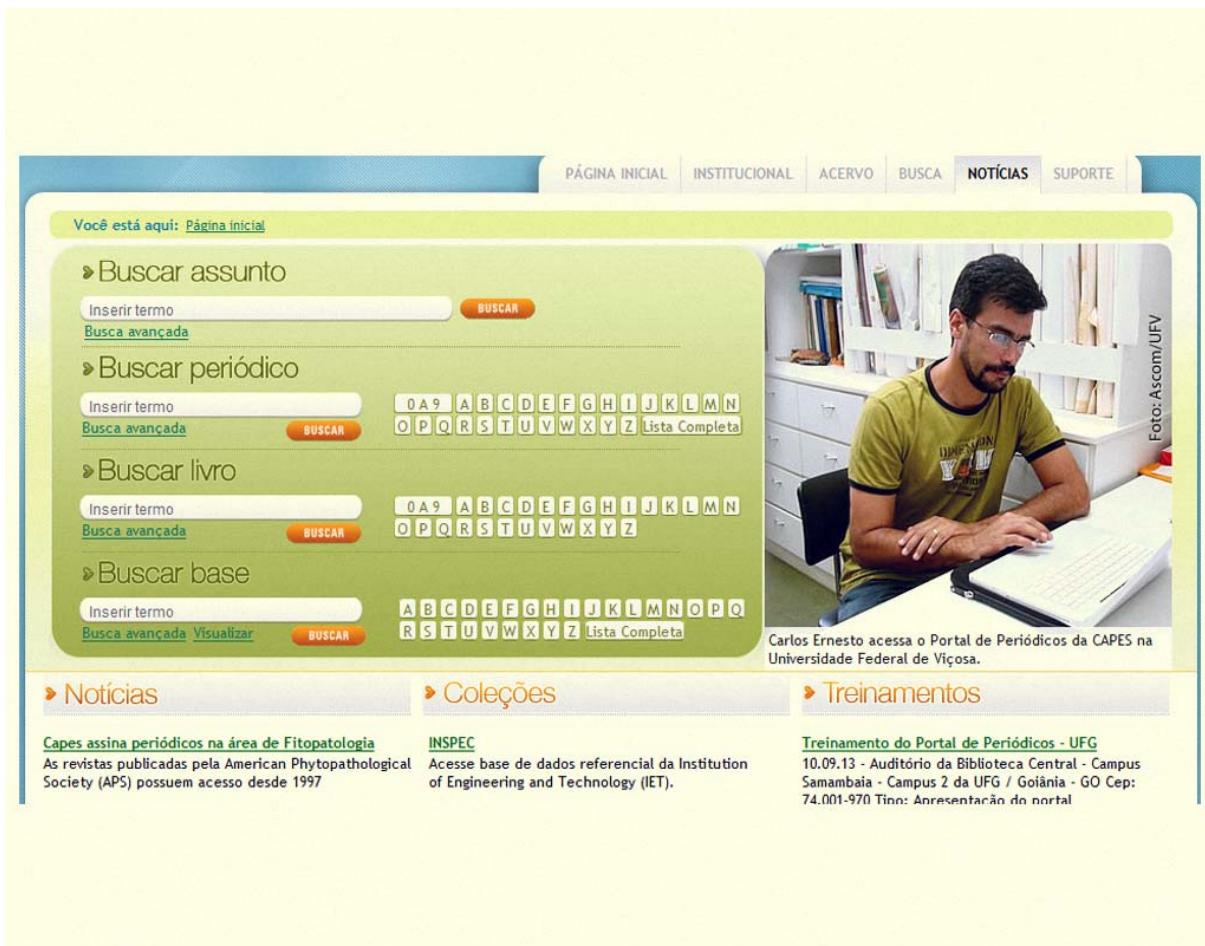


FIGURA 3.4 - Porta de periódicos da Capes FONTE: BRASIL.

Coloque o assunto a ser pesquisado na caixa "buscar assunto", aparecerá uma lista de referências. Escolha a que mais se aproxima de sua pesquisa e será encaminhado(a) para o endereço da revista que o contempla com o artigo completo.

A biblioteca eletrônica Scielo compreende mais de 300 periódicos científicos brasileiros. Essa biblioteca é fruto de uma parceria estabelecida entre a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP - e o Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde - BIREME. Desde o ano de 2002, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq - passou a apoiar o Projeto. Os periódicos foram distribuídos de acordo com áreas do conhecimento, a saber: Ciências Agrárias, Ciências Biológicas, Ciências da Saúde, Ciências Exatas e da Terra, Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas, Engenharias, Linguística, Letras e Artes. O endereço eletrônico é **www.scielo.br** <<http://www.scielo.br/>> .



FIGURA 4.4 - Biblioteca eletrônica Scielo FONTE: Scielo.

Para pesquisar no site, comece escolhendo o idioma na barra ao lado esquerdo. Depois, você pode optar por um periódico específico ou por um artigo. Em periódicos, você tem as opções: lista alfabética, lista por assunto e pesquisa por títulos. Já em artigos, você pode optar por: índice de autores, índice de assuntos ou pesquisa de artigos. É muito simples de utilizar e altamente confiável.

Pesquisando na Internet

Contemporaneamente, a Internet vem oferecendo riquíssimo acervo para pesquisa, necessitando apenas que o usuário saiba utilizá-la com prudência. Os sites de busca contribuem para que possamos nos localizar no mar de informações disponíveis, mas também é importante que saibamos como utilizá-los, pois, se digitarmos apenas palavras-chave no quadro de busca, pode ser que a resposta ofereça milhares de páginas com aquele conteúdo.

A forma mais prática de "enxugar" tantas opções é colocar os termos que se buscam entre aspas. Isso diminui consideravelmente a quantidade de páginas. Experimente com seu nome. Primeiro coloque sem aspas e depois insira as aspas antes e depois do nome. Em seguida, pesquise no Google Acadêmico também.

Muitas bibliotecas dispõem de assinaturas de bases de dados, que armazenam informações em CD-ROM ou possibilitam seu acesso via Internet. Nelas, o usuário pode fazer buscas por assunto, por periódico, ou por meio de palavras-chave. Algumas dessas bases contêm apenas referências bibliográficas e resumos, não se distinguindo, portanto, dos periódicos de indexação e resumo, a não ser pelo suporte eletrônico. Outras oferecem textos completos de livros, teses, artigos de periódicos, relatórios de pesquisa e outras fontes bibliográficas.

Indicação de leitura

Nome do livro: Metodologia Científica na Era Digital

Editora: Saraiva

Autor: Joao Mattar

ISBN: 978-85-472-2031-0

O livro discute conceitos de metodologia e educação, oferecendo suporte a trabalhos científicos que se utilizam da computação. Indicado para alunos de todas as áreas do ensino superior brasileiro, o livro não falha em sua premissa e entra na quarta edição totalmente revisado e atualizado, tanto em relação às normas da ABNT quanto às novidades do universo digital.

UNIDADE III

Citações, referências, redação e editoração do texto

Siderly do Carmo Dahle de Almeida

Esta unidade tem por objetivo esclarecer a importância das citações e das referências nos trabalhos acadêmicos, buscando orientar o modo de apresentá-las corretamente. Para isso, torna-se primordial conhecer as normas sobre documentação elaboradas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT.

A ABNT é uma instituição privada, sem fins lucrativos, fundada no início da década de 1940 e que tem por função atuar na área de certificação, sendo o órgão responsável pela normalização técnica em nosso país. Atualmente, ela é composta por 53 comitês e 3 organismos de normalização setorial, que se subdividem em diversas áreas do conhecimento.

O comitê responsável pelas questões de documentação, que particularmente nos interessa aqui, regula as práticas adotadas em bibliotecas, centros de documentação e de informação, no que respeita à adequação de terminologias, serviços e outras generalidades, é o CB – 14.

As normas brasileiras de documentação que serão abordadas nesta unidade são:

NBR 6023:2002 – Informação e Documentação – Elaboração de referências.

NBR 10520:2002 – Informação e Documentação – Apresentação de citações.

Citações e referências

Adotar uma norma é fundamental para agregar valor e credibilidade ao trabalho elaborado.

Para refletir

Imagine se cada um que fizesse um trabalho resolvesse apresentá-lo ao seu gosto. Possivelmente, a forma de apresentação tornar-se-ia mais importante que o conteúdo.

Quando aplicada uma regra comum, todos os trabalhos terão forma igual. O que vai diferir é o conteúdo apresentado, passando esse a obter destaque e devendo ser essa a questão central do pesquisador.

A princípio, parece complicado obedecer a tanta regra, com a prática observa-se que elas facilitam nossa vida e não deixam ficar de fora nenhuma informação importante.

Citação

A citação pode ser indireta quando incluímos em um texto por nós produzido uma informação retirada de alguma fonte, ou direta quando copiamos trechos retirados de outros materiais com a finalidade de respaldar, ilustrar ou esclarecer o tema apresentado.

Toda vez que nos apropriamos de um texto que não foi escrito por nós sem citar o autor, estamos plagiando, ou seja, estamos copiando sem atribuir os devidos créditos, e isso se configura como crime.

Tipos de Citação

Vimos no início do texto que as citações podem ser diretas ou indiretas. Há ainda mais um tipo de citação bastante utilizado: a citação de citação. Vamos ver como podemos usar cada uma delas ao longo de nossos textos.

Citações Diretas

A citação direta é a cópia literal de um texto por nós escolhido, ou uma parte dele, mantendo a mesma grafia, a mesma pontuação e o mesmo idioma. Nada pode sofrer alteração. As citações diretas podem ser curtas, quando se apresentam com até três linhas, ou longas, quando têm mais de três linhas.

As citações curtas devem ser grafadas com a mesma fonte e número de fonte do texto que estamos escrevendo, sendo colocadas entre aspas para indicar que se trata de uma citação, seguida de autoria, ano e número da página. Por exemplo:

Isto fica evidenciado na leitura do artigo de Kroth quando analisa que "Para o Brasil, e especificamente para a região Sul, a falta de estudos na área é influenciada, sobretudo, pela precariedade estatística em nível municipal." (2012, p. 19).

A citação longa (com mais de três linhas) deve figurar em um parágrafo distinto daquele que estamos escrevendo, com um recuo de 4 cm a partir da margem esquerda, sem uso de aspas, com fonte menor do que a utilizada em nosso texto (no texto a fonte é 12, nas citações pode-se usar o tamanho 10 ou o 11). É obrigatório indicar o ano e a página de onde o trecho foi copiado, não esquecendo de deixar uma linha em branco antes e depois do trecho. Veja um exemplo:

Green é enfático ao estabelecer relação entre o acesso à informação e superação de desigualdades sociais:

A questão do acesso a informações não é um debate abstrato; é uma ferramenta essencial da cidadania. O conhecimento amplia horizontes, permite que pessoas façam opções bem fundamentadas e fortaleçam sua capacidade de exigir direitos. Garantir o acesso a conhecimentos e informações é absolutamente essencial para que pessoas em situação de pobreza superem as desigualdades em todo o mundo. Em âmbito nacional, a capacidade de absorver, adaptar e gerar conhecimentos e transformá-los em tecnologia determina, cada vez mais, as perspectivas de uma economia. .

(GREEN, 2009, p. 56)

Desse modo, torna-se claro que todos devem ter acesso à informação, de modo possam superar as desigualdades postas.

Citações Indiretas

A citação indireta é utilizada quando estamos redigindo nosso texto e, em determinado ponto, nos baseamos em ideias de outros autores, reproduzindo o sentido que esses apresentavam. Tais citações podem aparecer como paráfrase ou como condensação como veremos a seguir.

A paráfrase deve manter aproximadamente o mesmo tamanho da citação do autor, sendo colocada no texto sem aspas e sem necessidade de inclusão do número da página de onde foi tirada. Autor e ano devem ser mantidos. Por exemplo:

Alguns estudos apresentam resultados que podem elucidar certas questões na relação entre liberalização da conta capital e crescimento econômico. Eichengreen (2002), por exemplo, sugere que países desenvolvidos primeiro expandiram seus mercados financeiros domésticos. (Trecho retirado de PAULA, Luiz Fernando de et al. . Liberalização financeira, performance econômica e estabilidade macroeconômica no Brasil: uma avaliação do período 1994-2007. *Nova econ.*, Belo Horizonte, n. 3, dez. 2012).

Já a condensação apresenta-se como um resumo de um texto lido que não altera a ideia original do autor. Também deve ser escrita sem aspas e não há a necessidade de colocar a página em que se encontra na obra original.

Citação de Citação

Utilizamos uma citação de citação quando não conseguimos ter acesso à obra original do primeiro autor e consideramos aquela citação fundamental para nosso trabalho. Lembre-se, é importante tentar buscar a obra original, pois assim podemos entender na íntegra quais eram as ideias daquele autor. Só utilize citação de citação se realmente não conseguir acessar o original.

Em português, podemos utilizar a expressão “citado por” ou, em latim, apenas “apud”, que, por ser uma palavra estrangeira, deve ser grafada com itálico, conforme segue no exemplo:

De acordo com Frost (1999 citado por MARCCELLI, 2000), ainda na década de 1980 poucas empresas utilizavam informações não financeiras para avaliarem seu desempenho, a maior parte dessas utilizavam apenas informações financeiras.

OU

De acordo com Frost (1999 apud MARCCELLI, 2000), ainda na década de 1980, poucas empresas utilizavam informações não financeiras para avaliarem seu desempenho, a maior parte dessas utilizavam apenas informações financeiras.

Em citações diretas, a indicação da página de onde o texto foi copiado é sempre obrigatória. Em citações indiretas, você pode colocar a página ou não, pois não é obrigatório.

A indicação dos autores copiados pode acontecer de duas formas: na frase com o nome mantendo apenas a primeira letra em maiúsculo, ou ao final da frase, com o sobrenome do autor todo em maiúsculo dentro dos parênteses, antes do ano e da data, por exemplo: Autor (2013, p. 12) ou (AUTOR, 2013, p. 12)

Quando elaboramos uma citação com apenas um autor, já vimos como esse deve aparecer nos exemplos já dados. Mas quando trabalhamos com textos que foram escritos por mais de um autor, como podemos citá-los?

Quando a obra tem dois autores, usamos a mesma regra de um autor só, inserindo o sobrenome dos dois, ou seja, na frase que estamos escrevendo, colocamos os nomes mantendo apenas a primeira letra em maiúsculo; ou ao final da frase, com os sobrenomes dos autores todo em maiúsculo dentro dos parênteses, antes do ano e da data. Por exemplo:

Conforme Lakatos e Marconi (2003, p. 231)...

Ou

... (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 231).

Se o original apresentar três autores, o procedimento é o mesmo, usando na frase, primeiramente, uma vírgula e depois um “e” para separar os sobrenomes; após a frase, quando dentro dos parênteses, utilizamos apenas “;” (ponto e vírgula) entre todos os autores:

De acordo com Cintra, Fonseca e Marquesi (1992, p. 34), ...

Ou

... (CINTRA; FONSECA; MARQUESI, 1992, p. 34)

Quando temos mais de três autores, podemos usar a expressão latina “*et al.*” grafada em itálico, que significa “e outros”:

De acordo com Cintra et al. (1992, p. 34)...

Ou

... (CINTRA et al., 1992, p. 34)

Se usarmos citações com autores que têm o mesmo sobrenome e a mesma data de publicação da obra, na citação, é importante acrescentar as iniciais do prenome dos autores:

Como se observa em Silva, E. M. (1998, p. 44)... OU ...
(SILVA, E. M., 1998, p. 44).

E na citação do outro autor:

Este conceito foi bem detalhado por Silva, S. M.
(1998, p. 101)... OU ...(SILVA, S. M., 1998, p. 101).

É bem comum utilizarmos várias obras de um mesmo autor quando esse é perito no tema que estamos trabalhando. Para citar alguma coisa que o autor escreve em diversas obras suas, basta colocar o sobrenome do autor e, entre parênteses, todos os anos de publicação das obras a que nos referimos. Por exemplo:

Silva (1998, 2001, 2010, 2013) analisa que...

OU

...(SILVA, 1998, 2001, 2010, 2013)

Outra forma bem comum de fazer citação é verificar vários autores que elaboraram conceitos semelhantes sobre o tema em questão. Nesse caso, devemos colocar o autor, a data de publicação da obra, uma vírgula para separar o próximo autor e a data de publicação deste. Vejamos:

Para Silva (1998), Nunhez (2000) e Laffin (2001), os resultados obtidos com relação ao crescimento do mercado de trabalho do contador está diretamente relacionado...

OU

.... (SILVA, 1998; NUNHEZ, 2000; LAFFIN, 2001).

Utilizamos, por vezes, citações de obras que têm por autor uma entidade. Por exemplo, um documento da prefeitura de Santa Maria:

De acordo com Santa Maria, Prefeitura Municipal (1997, p. 82), os municípios vêm registrando um elevado índice de...

Ou

Os municípios vêm registrando um elevado índice... (SANTA MARIA, Prefeitura Municipal, 1997, p. 82).

Citação de Documentos Eletrônicos

Um material vastamente utilizado nas pesquisas atuais são os documentos eletrônicos tais como *softwares*, periódicos, documentos *online*.

1. Periódicos online:

No texto, aparecerá apenas o(s) autor(es) e o ano de publicação do periódico, podendo fazer uma chamada para o rodapé da página ou deixando para colocar a referência apenas na lista de referências ao final do trabalho:

Para Caixe e Krauter (2013), o escopo do modelo de governança das empresas “deixa de ser a resolução do conflito de agência entre gestores e acionistas e passa a representar a mitigação do choque de interesses entre acionistas controladores e minoritários”.

Nas referências ou na nota de rodapé, constará o site em que está disponível o artigo e a data em que se acessou:

CAIXE, Daniel Ferreira; KRAUTER, Elizabeth. A influência da estrutura de propriedade e controle sobre o valor de mercado corporativo no Brasil. *Rev. contab. finanç., São Paulo*, v. 24, n. 62, ago. 2013 .

2. Em outros documentos disponíveis na internet:

O Portal de Contabilidade conceitua Balanço Patrimonial como a demonstração contábil destinada a evidenciar, qualitativa e quantitativamente, numa determinada data, a posição patrimonial e financeira da Entidade.

E na lista de referências ou no rodapé:

PONTAL DE CONTABILIDADE. Balanço Patrimonial.
Disponível em: <<http://www.portaldecontabilidade.com.br/guia/balancopatrimonial.htm>>.
Acesso em: 01 ago. 2017.

Referências

A norma brasileira que se ocupa das referências é a NBR 6023. É ela que estabelece quais os elementos que devem obrigatoriamente ser incluídos nas referências. Tal norma também tem por função fixar a ordem dos elementos das referências estabelecendo as devidas convenções para transcrever adequadamente a informação advinda da fonte de informação consultada.

A referência se constitui basicamente de elementos essenciais e, por vezes, pode ser acrescida de alguns elementos complementares como veremos. São considerados elementos essenciais aquelas informações que se tornam indispensáveis para que se possa identificar uma obra. Já os complementares permitem uma melhor caracterização dos documentos.

As referências podem figurar no rodapé das páginas, ao final de um capítulo, ao final de um trabalho ou antecedendo resumos.

Regras de Apresentação

Muitas são as regras para fazer adequadamente uma referência. Vamos indicar aqui as principais e as formas de apresentação mais comuns. É importante lembrar que há uma sequência padronizada para escrever as referências e essas devem ser seguidas. As referências devem ser alinhadas apenas à margem esquerda do texto, não devendo portanto serem justificadas. O espaçamento deve ser simples, havendo um espaço duplo para separar uma da outra. O negrito (ou grifo) só deve ser utilizado no título das obras, caso este não seja o elemento de entrada (quando a obra não possui autor ou uma entidade que a represente). Vamos aos exemplos.

Autor

O autor é o responsável pela obra, mas não necessariamente trata-se de uma pessoa. O autor pode ser um organizador, um coordenador, uma instituição. Quando se trata de um autor pessoa, utilizamos sempre a entrada por seu sobrenome todo em letras maiúsculas, seguido de seu prenome que pode ser abreviado ou não. De todo modo, é importante escolher uma forma e segui-la em toda a lista, assim, se abreviar os nomes em uma referência, abrevie em toda a lista, mantendo um padrão.

1. Com um autor

Em língua portuguesa, utilize o último sobrenome todo em letra maiúscula, seguido do prenome. Por exemplo:

BRUZAMOLIN, A. L.

Ou

BRUZAMOLIN, Amanda Louise.

Quando após o sobrenome figura a indicação de parentesco tais como Filho, Neto, Júnior, Sobrinho, é necessário incluir essa indicação após o sobrenome:

FERNANDES JR., A. M.

Ou

FERNANDES JUNIOR, Alvaro Martins.

Se for um sobrenome composto, utilize o sobrenome completo:

LÉVI-STRAUSS, C.

Ou

LÉVI-STRAUSS, Claude

2. Com dois autores

Quando uma obra apresenta dois autores, deve-se entrar sempre pelo primeiro autor citado no documento, separando um e outro por ";" (ponto e vírgula):

No livro:
José Carlos Marion
Sergio de Iudicibus

Na referência:
MARION, José Carlos; IUDICIBUS, Sergio de.
Ou
MARION, J.C.; IUDICIBUS, S. de.

3. Com três autores

Se a obra apresenta até três autores, devem aparecer nas referências na mesma ordem em que aparecem no livro, separados apenas por ";" (ponto e vírgula)

No livro:
Euridice Mamede de Andrade
Luiz dos Santos Lins
Viviane Lima Borges

Nas referências:
ANDRADE, Euridice Mamede de; LINS, Luiz dos Santos; BORGES, Viviane Lima.
Ou
ANDRADE, E.M. de; LINS, L. dos S.; BORGES, V. L.

1. Com mais de três autores

No caso de haver mais de três autores, coloca-se o primeiro que aparece na obra e, na sequência, a expressão *et al.*. Que significa "e outros". Se os demais autores forem bem conceituados e você julgar importante, pode mencionar todos.

No livro:
Eliseu Martins
Ariovaldo dos Santos
Ernesto Rubens Gelbeke
Sergio de Iudicibus

Nas referências:
MARTINS, E. et al.

4. Autor entidade

Por vezes, incluímos obras em nossos trabalhos que não são de autoria pessoal, e sim de uma instituição. Quando isso acontecer, devemos dar a entrada da referência pela entidade. Se for um órgão público, colocamos o país, o estado ou o município ao qual a instituição está subordinada:

BRASIL. Ministério da Fazenda.
MATO GROSSO. Secretaria de Ciência e Tecnologia.
POÇOS DE CALDAS. Prefeitura Municipal.

Se a autoria for atribuída a uma instituição, organização ou entidades de naturezas diversas, a entrada se dá pelo nome por extenso, todo em maiúsculas:

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ.
SOCIEDADE BRASILEIRA DE CONTABILIDADE, AUDITORIA,
CONTROLADORIA, GESTÃO DE RISCOS E CONTROLES.

Títulos

O título da obra deve ser inserido exatamente como aparece no documento de origem e com algum tipo de destaque que o diferencie do resto da referência, como o negrito, o sublinhado ou o itálico. Se houver subtítulo, geralmente após dois pontos, esse não deve receber destaque. Lembre-se de utilizar apenas a primeira letra maiúscula. Por exemplo:

TREUHERZ, Rolf Mário. Análise financeira por objetivos.
BARBOSA, Fabiano Alvim; SOUZA, Rafael Carvalho.
Administração de fazendas de bovinos: leite e corte.

Local, editora e ano de publicação

Após a edição, se você colocar, ou após o título, caso opte por não inserir a edição, vem a imprensa: ou seja, o local, a editora e a data de publicação da obra que se referencia. Após a cidade, coloque dois pontos, o nome da editora, uma vírgula e o ano de publicação.

ALMEIDA, Marcelo Cavalcanti. Contabilidade intermediária:
de acordo com as novas exigências do MEC para o curso de
ciências contábeis. São Paulo: Atlas, 1996.

Tipos de Referências

Podemos incluir em nossos trabalhos referências de livros, revistas, softwares, CDs, DVDs, internet, entre outras. Cada um desses suportes de informação recebe um tratamento diferente quando referenciados. Vamos observar como devemos incluí-los em nossa lista?

Livros (considerados no todo)

AUTOR. Título. Edição. Local: Editora, ano de publicação.

POPPER, Karl Raimund. **A sociedade aberta e seus inimigos.**
Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.

CONSELHO FEDERAL DE CONTABILIDADE. Agenda legislativa:
sistema contábil brasileiro. 2. ed. Brasília: CFC, 2003.

Livros digitais (considerados no todo)

AUTOR. Título. Edição. Local: Editora, ano de publicação.
Tipo de material.

OLIVEIRA, Gustavo Pedro de. **Fazendo história.** 3.
ed. São Paulo: Saraiva, 2009. 1 CD-ROM.

Livros disponíveis na internet (considerados no todo)

AUTOR. Título. Edição. Local: Editora, ano de publicação (se houver). Disponível em: <endereço eletrônico>. Acesso em: dia, mês, ano.

LIMA, Luiz Murilo Strube. IFRS: entendendo e aplicando as normas internacionais de economia. São Paulo: Atlas, 2010. Disponível em: <www.irgs.com.br.pdf>. Acesso em: 03 maio 2017.

Capítulo de livro

Quando usamos apenas um capítulo do livro em nosso trabalho, é necessário referenciar apenas aquele capítulo. Para isso, observe que o que deve ser negritado, continua sendo o título da obra e não o título do capítulo. Veja:

AUTOR DO CAPÍTULO. Título do capítulo. In: **AUTOR DA OBRA.** Título da obra. Local: Editora, ano de publicação. Número da página inicial-final do capítulo.

SANTOS, José Luiz dos. Quando usar um estudo de caso. In: RUDIO, F. V. Introdução ao projeto de pesquisa científica. 41. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 35-48.

Se o autor do capítulo for o mesmo da obra, você deve inserir após o "In:" seis travessões:

SANTOS, José Luiz dos. O pensamento contábil na idade contemporânea. In: _____. História do pensamento ocidental. São Paulo: Atlas, 2006. p. 49-57.

Monografias, dissertações e teses - impressos

AUTOR. Título. Número de páginas. Monografia, Tese ou Dissertação (Área) – Unidade de ensino, Instituição, Local, Ano de publicação.

BRUZAMOLIN, Anna Flávia. Contribuições para a melhoria da qualidade do ensino superior do curso de pedagogia. 134 f. Tese (Doutorado em Educação) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

Monografias, dissertações e teses – online

AUTOR. Título. Número de páginas. Monografia, Tese ou Dissertação (Área) – Unidade de ensino, Instituição, Local, Ano de publicação. Disponível em: <endereço eletrônico>. Acesso em: data.

BRUZAMOLIN, Anna Flávia. Contribuições para a melhoria da qualidade do ensino superior do curso de pedagogia. 134 f. Tese (Doutorado em Educação) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <www.ufrgs.br/tesesdissertacoes>. Acesso em: 03 set. 2013.

Artigo em Publicação periódica impressa

AUTOR DO ARTIGO. Título do artigo. Título da publicação.
Local de publicação, número do volume, número do fascículo,
número da página inicial-final do artigo publicado, data.

PORTELHO, Evelise Maria Labatut; ALMEIDA, Siderly
do Carmo Dahle de. Avaliando a aprendizagem e o ensino
com pesquisa no Ensino Médio. Ensaio: aval.pol.públ.Educ.
Rio de Janeiro, vol.16, nº.60, p.469-488, Set 2008.

Artigo em Publicação periódica *online*

AUTOR DO ARTIGO. Título do artigo. Título da publicação.
Local de publicação, número do volume, número do fascículo,
número da página inicial-final do artigo publicado, data.

PORTELHO, Evelise Maria Labatut; ALMEIDA, Siderly
do Carmo Dahle de. Avaliando a aprendizagem e o ensino
com pesquisa no Ensino Médio. Ensaio: aval.pol.públ.Educ.
Rio de Janeiro, vol.16, nº.60, p.469-488, Set 2008.

Ao elaborar sua lista de referências, verifique atentamente se todos os autores citados no texto constam nas referências e vice-versa. Todos os autores listados obrigatoriamente deverão ter sido mencionados no texto. Se você utilizou um livro em suas leituras, mas não o citou no texto, ele não pode constar na lista de referências.

Observe o modelo de referência a seguir e a classifique:

Redação e editoração do texto

Para escrever trabalhos científicos, faz-se importante observar algumas características específicas como o cuidado e o rigor com a norma culta da língua. É normal que as pessoas apresentem modos diferentes tanto ao falar quanto ao escrever, porém, cuidados com a clareza, coesão, coerência e aspectos gramaticais são fundamentais para o entendimento das ideias do autor. Vamos aqui discorrer um pouco sobre a importância de obedecer a pequenas regras que podem valorizar muito o trabalho produzido.

Coerência e Clareza

Quando elegemos um tema para um trabalho monográfico, o fazemos porque temos certa intimidade com ele. Não adianta escolher um tema “da moda”, ou porque “todo mundo está falando daquele assunto”. Como falamos anteriormente, precisamos ter afinidade com o tema e uma boa leitura prévia, pois assim a escrita transcorrerá com maior facilidade.

Ter coerência na elaboração de um texto significa deixar as ideias claras, facilitando a compreensão de quem o lê. Todo o conteúdo produzido deve ser fundamentado em dados, em referências que confirmem e validem sua escrita.

Ao final de uma produção de texto, seja de uma página ou de duzentas, é preciso reler atentamente tudo que foi colocado, observando possíveis erros gramaticais e falta de clareza na expressão das ideias. Observe atentamente as marcações do corretor automático de seu editor de texto (em geral word), pois, quase sempre, ele acerta.

Editoração de Texto

A editoração é a apresentação do texto para publicação. Cada instituição costuma adotar orientações próprias que, por vezes, divergem das diretrizes apontadas pela ABNT, portanto é necessário estar atento(a) às indicações de normas para publicação da instituição para onde você está escrevendo.

Vamos enumerar aqui algumas normas básicas para lhe auxiliar na formatação de seus textos, tomando por base as normas da ABNT.

Layout da página

Procure sempre utilizar papel branco em tamanho A4, orientação “retrato”, margens superior e esquerda: 3 cm, inferior e direita: 2 cm.

Entrelinhamento

O espaço entre as linhas deve ser de 1,5 cm para o texto de modo geral; simples (ou 1 cm) para citações longas, resumos, referências, notas de rodapé; um espaçamento duplo para separar as referências entre si e dois espaços de 1,5 para separar títulos das seções.

Fontes

As fontes mais empregadas em trabalhos são a Arial e a Times New Roman. No texto, de modo geral, o tamanho da fonte utilizada é 12 e, nas citações longas e notas de rodapé, pode-se utilizar tamanho 10 ou 11.

Parágrafos

Os parágrafos devem ser justificados à direita com margem à esquerda de 1,25 cm. As citações longas devem ser transcritas a 4 cm da margem esquerda.

Paginação

Os trabalhos devem ser paginados sempre em algarismos arábicos. A capa não deve ser contada nem numerada. Demais páginas pré-textuais são contadas, mas não numeradas - folha de rosto, dedicatória, agradecimentos, sumário e listas. As páginas de texto, desde a introdução, devem ser numeradas em algarismos arábicos no canto superior direito da página. As páginas pós-textuais, como referências, apêndices e anexos, devem ser numeradas na mesma sequência do texto.

Títulos das seções

Ao fazermos nossos objetivos específicos em nossos projetos de pesquisa, devemos pensar nos títulos que vão compor nosso trabalho, pois cada objetivo invariavelmente será uma seção. Assim, as seções devem obedecer a uma sequência lógica de ideias, com títulos claros e bem específicos.

Os títulos das seções devem ser tipograficamente diferenciados, obedecendo-se a sua hierarquia. Por exemplo:

1 MÉTODOS CIENTÍFICOS

1.1 MÉTODO DEDUTIVO

1.1.1. Caracterização do método dedutivo

Observe que, conforme hierarquicamente estabelecemos os títulos, a formatação desses é diferenciada. A seção primária destaca-se em letras maiúsculas e negritadas. A seção secundária com letras maiúsculas, porém, sem negrito, e a terciária somente com a primeira letra da primeira palavra em maiúscula, toda em negrito.

Os agradecimentos, lista de ilustrações, listas de abreviaturas e siglas, resumo, sumário, referências, glossário, apêndice, anexo e índice não recebem indicativo numérico. São centralizados e grafados em letras maiúsculas negritadas.

¶ Ampliando o conhecimento

Plágio não é somente a cópia fiel e não autorizada da obra de outra pessoa – seja ela artística, literária ou científica. É também, e mais comumente, a cópia “da essência criadora sob veste ou forma diferente”, isto é, a apropriação indevida da produção de outrem mascarada por um modo distinto de escrever ou pela versão para outro idioma, entre várias possibilidades.

Leia o texto na íntegra disponível na página da PUC RJ em:
<<http://www.puc-rio.br/sobrepuc/admin/vrac/plagio.html>
<<http://www.puc-rio.br/sobrepuc/admin/vrac/plagio.html>>.

Indicação de leitura

Nome do livro: Metodologia do trabalho científico

Editora: Cortez

Autor: Antonio Joaquim Severino

ISBN: 978-85-249-1311-2

Apresenta alguns subsídios teóricos e práticos para o enfrentamento das várias tarefas que lhe são solicitadas ao longo do desenvolvimento do processo ensino/aprendizagem de sua formação acadêmica. Trata-se, pois, de uma iniciação teórica, metodológica e prática ao trabalho científico a ser desencadeado desde o início de sua vida universitária. É também uma eficiente ferramenta para o trabalho docente em sua interface com a aprendizagem dos alunos, podendo configurar-se como um bom roteiro para a intervenção didático-pedagógica dos professores, quaisquer que sejam suas áreas ou matérias de ensino.

UNIDADE IV

Classificação e estrutura das pesquisas

Siderly do Carmo Dahle de Almeida

Quando vamos classificar nossa pesquisa, que critérios devemos usar para definir que tipo de pesquisa desejamos fazer? Para responder a essa pergunta, é importante rever qual o objetivo geral de nosso trabalho, pois é com base nele que vamos chegar a tal classificação. As pesquisas são divididas em três grupos principais: pesquisas exploratórias, descritivas e pesquisas explicativas. É sobre esses grupos que vamos no deter no decorrer desta unidade. Vamos ver também os procedimentos técnicos que podemos adotar para dar conta de nossos objetivos e ainda aprender a identificar as fontes que irão nos auxiliar a realizar uma adequada fundamentação teórica de nosso trabalho.

Lembre-se ainda de que qualquer investigação científica tem por finalidade comunicar os processos e os resultados ou conclusões a que o seu autor chegou a um público específico que se interessa por aquela área de conhecimento. Os trabalhos podem ser divulgados de diversos modos: por meio de um artigo que possa ser publicado em periódico, por meio de monografia com claros objetivos acadêmicos (conclusão de curso de graduação, dissertação de mestrado ou tese de doutorado), ou ainda por uma obra que se deseja publicar.

Classificação das pesquisas

As pesquisas exploratórias se ocupam em agregar maior intimidade com o problema em questão, tornando-o mais claro e específico. Elas permitem que se considerem diversos aspectos diferentes do foco de estudo. Em geral, as pesquisas exploratórias envolvem levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram ou têm contato com as questões práticas que envolvem o problema de pesquisa e permitem a análise de exemplos.

As pesquisas descritivas têm por escopo descrever características de uma população ou de um fenômeno, propondo relações entre as variáveis. Os questionários e as observações sistemáticas são técnicas de coletas de dados pertencentes a essa classificação de pesquisa.

As pesquisas explicativas buscam identificar as variáveis que determinam a ocorrência dos fenômenos, explicando a razão das coisas. Elas se valem quase unicamente do método experimental, razão pela qual nas ciências sociais ela se torna tão difícil. Opta-se, neste caso, por métodos de observação.

Essa classificação permite que se estabeleça qual será o marco teórico da pesquisa e, para confrontar teoria e prática, faz-se necessário definir qual o delineamento da pesquisa.

Pesquisa bibliográfica

Trata-se de uma pesquisa que envolve a bibliografia já compartilhada em relação ao tema proposto, tendo por principal objetivo colocar o pesquisador em contato com tudo que já foi publicado sobre o assunto. Tal pesquisa envolve a escolha do material, um plano de leitura sistemático acompanhado de um fichamento e, posteriormente, análise e interpretação. Dessa forma, as informações lidas são processadas pelo pesquisador e acrescidas de seus conhecimentos, produzem assim novas reflexões sobre o tema. Essa pesquisa dá o suporte necessário para as demais técnicas a serem implementadas pelo pesquisador, pois auxilia na demarcação do problema, na determinação dos objetivos, na escolha das hipóteses e na fundamentação teórica do estudo.

O livro é, historicamente e por excelência, a mais importante fonte bibliográfica, porém, as publicações periódicas científicas, por serem de mais rápida publicação, são indispensáveis. A internet também tornou-se forte aliada no oferecimento de subsídios para a leitura e a escrita, porém o pesquisador deve ter muito cuidado na escolha do material.

Pesquisa documental

A particularidade fundamental da pesquisa documental é que a fonte de coleta de dados está circunscrita a documentos que instituem o que se designa como fontes primárias. Essa técnica permite angariar informações prévias sobre o campo de interesse, examinando-se documentos oficiais e jurídicos que apontem para informações relevantes. Os documentos oficiais constituem a fonte mais fidedigna de dados e cabe ao pesquisador apenas selecionar o que lhe interessa e, apesar de não exercer controle sobre a forma como os documentos foram criados, deve interpretar e comparar o material. Já os documentos jurídicos apresentam uma fonte rica de informações do ponto de vista sociológico e podem contribuir para melhor apresentar o arco sob o qual se circunscreve o campo de estudo desejado.

Pesquisa experimental

A pesquisa experimental remete-se, em geral, a pesquisas de cunho científico. Nesse caso, o pesquisador deve selecionar as variáveis que deseja comparar e testar as possíveis relações funcionais, mantendo um grupo de controle. Essa pesquisa nas Ciências Humanas é bastante limitada pela dificuldade em se manipular pessoas.

Pesquisas de campo

As pesquisas de campo são desenvolvidas no local em que acontecem os fenômenos a serem pesquisados e ocupam-se de identificar as principais características dos indivíduos que compõem esse universo de estudo, por meio de questionamentos acerca do problema estudado, sendo analisados quantitativamente e oferecendo conclusões a respeito dos dados coletados.

Em geral, não se realiza uma pesquisa com todos os elementos de uma população, sendo selecionada para investigação uma amostra significativa que compõe o universo total.

Para se realizar uma pesquisa de campo, primeiramente, é necessário fazer um bom levantamento bibliográfico sobre o tema em questão. Isso ajudará inclusive na elaboração dos questionários e entrevistas, esclarecendo o objeto de estudo, mostrando como está o problema que iremos abordar.

Depois de levantar a fundamentação teórica, estabelecem-se as técnicas para a coleta dos dados que permitirão a realização do estudo e a amostra que irá representar o universo total. As pesquisas de campo se desdobram em diversas técnicas que permitem chegar a um consenso sobre o objeto de estudo.

A pesquisa de campo pode ser realizada por meio das seguintes técnicas:

- Observação direta intensiva.
- Entrevista.
- Questionário.

Vamos verificar como cada técnica pode ser realizada e qual a função delas?

Observação direta intensiva

Essa técnica exige dois passos essenciais: a observação do fenômeno seguida de entrevista. A observação é utilizada para se obterem aspectos da realidade de acordo com os sentidos do observador, de modo a permitir a identificação e provas sobre o objetivo do estudo. Ela possibilita que o pesquisador chegue a determinadas conclusões apenas observando o comportamento e as atitudes típicas de determinado grupo.

Classifica-se em observação direta participante e não participante. Na participante, como o próprio nome já diz, o pesquisador deve se incorporar ao grupo, misturando-se a ele e participando das atividades do mesmo. O pesquisador precisa manter a objetividade do estudo, buscando não influenciar e nem ser influenciado pelo grupo e ainda ganhar a confiança desse, fazendo com que os participantes compreendam a importância da pesquisa.

Na observação não participante, o pesquisador não se integra ao grupo, presencia mas não se envolve nas situações.

Entrevista

Uma entrevista pressupõe o encontro de duas pessoas em que uma obterá informações sobre um assunto a ser pesquisado.

As entrevistas podem ser realizadas com toda a população, não importando se são alfabetizados ou não, uma vez que quem elabora as perguntas e anota as respostas é o próprio pesquisador. Como as perguntas são realizadas “face a face”, se o entrevistado não compreender alguma questão, o entrevistador pode repeti-la, explicando melhor o que deseja saber. O pesquisador, além de ouvir as respostas dadas, tem a condição de avaliar as atitudes do entrevistado, percebendo reações e gestos que podem influenciar nas respostas obtidas.

Ampliando o conhecimento

Para obter resultados satisfatórios com a entrevista, cabe ao pesquisador alguns cuidados na elaboração das perguntas, portanto planejamento é essencial. É importante, também, que o pesquisador saiba quem é seu público alvo para saber como agir no momento da conversa, não esquecendo de marcar antecipadamente o dia e a hora da entrevista. É bom esclarecer ao participante que a conversa será transcrita na íntegra, porém sua identidade será preservada.

Se a pesquisa prevê uma entrevista, com antecedência, faça uma lista das principais ações a serem levantadas:

- Estabelecimento de contato prévio.
- Elaboração das questões.
- Registro das informações.

Questionário

O questionário também é considerado um instrumento de coleta de dados e se constitui por perguntas que podem ser respondidas tanto na presença do pesquisador quanto na ausência deste. É muito comum enviar o questionário ao sujeito para que ele responda em um momento mais propício. Importante lembrar ao sujeito que suas respostas são confidenciais e que ele não sofrerá nenhum prejuízo ao responder.

Os questionários pouparam tempo do pesquisador e podem atingir um volume maior de pessoas em diferentes áreas geográficas. Os entrevistados acabam se sentindo mais à vontade para responder abertamente as questões propostas, pois não se expõem em frente a uma pessoa. A desvantagem é que os questionários não podem ser respondidos por população analfabeta e, se o sujeito tiver dificuldade em compreender a questão, pode responder de forma inadequada, alterando o resultado final.

Para se elaborar o questionário, é importante que o pesquisador procure maximizar cada pergunta de modo a obter respostas aos seus objetivos com o menor número de perguntas possível, afinal, ninguém vai querer ficar horas respondendo a um questionário com cem perguntas.

É importante realizar um pré-teste do questionário, o aplicando a uma amostra de pessoas para verificar se não causam muitas dúvidas e se não apresentam falhas com ambiguidade ou linguagem inacessível.

De acordo com Lakatos e Marconi (2008, p. 205), os pré-testes também servem para verificar se o questionário apresenta três importantes elementos:

-
- a) **Fidedignidade.** Qualquer pessoa que o aplique obterá sempre os mesmos resultados.
 - b) **Validade.** Os dados recolhidos são necessários à pesquisa.
 - c) **Operatividade.** Vocabulário acessível e significado claro.

O pré-teste permite também a obtenção de uma estimativa sobre os futuros resultados.

Em um questionário, as perguntas podem receber três principais classificações: perguntas abertas, fechadas e de múltipla escolha. Vamos compreender melhor:

- a. Perguntas abertas: são aquelas que possibilitam ao sujeito pesquisado responder à vontade, utilizando sua linguagem para atribuir conceitos e emitir opiniões. Elas resultam em investigações com maior profundidade de estudo, porém, a análise é mais demorada e cansativa.
- b. Perguntas fechadas: são aquelas que oferecem alternativas fixas para resposta, e o informante deve escolher entre duas opções.
- c. Perguntas de múltipla escolha: elas são igualmente fechadas, porém, apresentam mais possibilidades de respostas.

Estudo de caso

O estudo de caso é considerado um método qualitativo que consiste em um modo de aprofundar uma unidade individual. Essa “individualidade” pode ser entendida como um conjunto de relações, uma comunidade, um período de tempo, um

programa de televisão, um evento, uma religião, um curso, entre outros.

O estudo de caso ajuda no entendimento dos fenômenos, sejam eles individuais, processos organizacionais ou ainda políticos de uma sociedade. É um instrumento utilizado para compreender a forma e os motivos que levaram à determinada tomada de decisão. De acordo com Yin (2001, p. 32), o estudo de caso trata de um estudo empírico que investiga um "**fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto de vida real**" que possibilita averiguar uma realidade, de maneira a retratar e desvendar a multiplicidade dos aspectos que permeiam determinada situação. Neste contexto,

o pesquisador procura revelar a multiplicidade de dimensões presentes numa determinada situação ou problema, focalizando-o como um todo. Esse tipo de abordagem enfatiza a complexidade natural das situações, evidenciando a inter-relação dos seus componentes .

(LUDKE; ANDRÉ, 1986, p.19)

Após a definição da unidade-caso e da determinação do número de casos a serem pesquisados, recomenda-se a elaboração do protocolo, que se constitui no documento que não apenas contém o instrumento de coleta de dados, mas também define a conduta a ser adotada para sua aplicação. O protocolo constitui, pois, uma das melhores formas de aumentar a confiabilidade do estudo de caso, e a elaboração torna-se mais importante nas pesquisas que envolvem múltiplos casos.

A coleta de dados no estudo de caso é um processo mais complexo, pois faz-se necessário adotar mais de uma técnica para garantir a qualidade nos resultados que se pretende obter.

Por esse motivo, o estudo de caso torna-se o mais completo método de pesquisa, pois envolve diferentes técnicas como análise documental, entrevistas, observação participante, depoimentos, questionários.

Pesquisa-ação

A pesquisa-ação é mais flexível e, como o próprio nome já diz, envolve ação do próprio pesquisador. Numa primeira fase, o pesquisador precisa fazer o reconhecimento visual do lócus da pesquisa, consultando documentos e dialogando com representantes das categorias eleitas na pesquisa. Diversas técnicas devem ser adotadas para a coleta de dados, nesse caso, a mais utilizada é a entrevista que tanto pode ser aplicada de modo coletivo como individual. Os questionários também são bastante utilizados, principalmente quando se trata de um universo grande.

É importante não confundir a pesquisa-ação com um processo individual de autoavaliação. Ele é uma prática reflexiva sobre determinada ação e que se modifica continuamente em espirais de reflexão e ação.

Pesquisa participante

A pesquisa participante envolve a participação real do pesquisador que deve se incorporar ao grupo que está pesquisando. Ela se aproxima muito da pesquisa-ação. Thiolent (1997, p. 21) analisa que

Toda pesquisa-ação possui um caráter participativo, pelo fato de promover ampla interação entre pesquisadores e membros representativos da situação investigada. Nela existe vontade de ação planejada sobre os problemas detectados na fase investigada.

O autor afirma que, no caso da pesquisa participante, alguns partidários dessa técnica não veem a necessidade de “objetivação e divulgação da informação ou do conhecimento”, atribuindo também a relação da pesquisa-ação com o fato do termo ser utilizado internacionalmente para “designar um tipo de intervenção psicossociológica no contexto organizacional (...), segundo uma visão operacional sem perspectiva crítica ou conscientizadora” (idem).

O plano de ação da pesquisa participante envolve:

-
- a) Ações que possibilitem a análise mais adequada do problema estudado;
 - b) Ações que possibilitem melhoria imediata da situação em nível local;
 - c) Ações que possibilitem melhoria a médio ou longo prazo em nível local ou mais amplo (GIL, 2009, p. 52).

A pesquisa participante não acaba com a elaboração de um relatório, mas sim com um plano de ação que pode dar início a uma nova pesquisa. Os resultados não são conclusivos e tendem a gerar outros problemas que exigirão novas ações.

Análise de conteúdo

Essa é uma metodologia de seleção, tratamento e análise a partir de informações relevantes constantes em documentos de modo a compreender o sentido dos textos ali inseridos. Envolve o conteúdo das mensagens buscando atribuir significado a elas. A técnica de análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin (2000) comprehende as seguintes fases: a pré-análise (leitura flutuante; escolha dos documentos; preparação do material e referenciação dos índices; e a elaboração dos indicadores); a exploração do material e o tratamento dos resultados; a inferência e a interpretação. O estudioso que trabalha seus dados a partir da análise de conteúdo está sempre em busca de um texto por trás de outro texto, um texto que não está aparente em uma primeira leitura e que necessita de uma técnica diferenciada para ser desvendado, relido, revisto.

Análise de dados

Após a escolha da técnica e a realização da coleta de dados, esses devem ser organizados de modo sistemático para posterior publicação. Antes, porém, de analisá-los e interpretá-los, seguem-se os seguintes passos: seleção, codificação e tabulação.

Na seleção, os dados são criteriosamente analisados, com o objetivo de se verificar se não houve nenhuma falha que leve a conclusões distorcidas, incompletas ou confusas que prejudicariam o resultado final da pesquisa. Nessa análise, é possível apontar se houve excesso de informação ou se os dados foram insuficientes. Se for preciso, pode-se retornar ao campo de pesquisa para reaplicar o instrumento escolhido.

Na segunda fase, que é a codificação, os dados transformam-se em símbolos que podem ser contados ou introduzidos em uma tabela. Primeiramente, os dados devem ser classificados em categorias e em seguida atribui-se um código, transformando o que é qualitativo em quantitativo, ou seja, algo que se possa contabilizar.

Na última fase, que é a tabulação, deve-se dispor os dados em tabelas, permitindo visualizar as inter-relações obtidas entre os dados. É a síntese dos dados representados graficamente que oferece melhor compreensão e interpretação.

Após a manipulação dos dados e obtenção dos resultados, seguem a análise e interpretação destes, sendo este o núcleo da pesquisa.

De acordo com Lakatos e Marconi (2008, p. 170), a elaboração da análise, propriamente dita, é realizada em três níveis:

-
- a) **Interpretação.** Verificação das relações entre as variáveis independentes e dependentes, e da variável interveniente (anterior à dependente e posterior à independente), a fim de ampliar os conhecimentos sobre o fenômeno (variável dependente).
 - b) **Explicação.** Esclarecimento sobre a origem da variável dependente e necessidade de encontrar a variável antecedente (anterior às variáveis independente e dependente).
 - c) **Especificação.** Explicitação sobre até que ponto as relações entre as variáveis independente e dependente são válidas (como, onde e quando).

A interpretação inclui uma atividade de caráter intelectual que busca atribuir significado às respostas obtidas, estabelecendo elos com outros conhecimentos subjacentes. Nessa fase, é importante que o pesquisador estabeleça ligação entre os

dados obtidos com a teoria lida e exposta na fundamentação teórica do trabalho.

Após a interpretação dos dados, é o momento de verificar de que forma eles ilustrarão o trabalho final. Pode-se optar por tabelas e gráficos que vão destacar as principais classificações do material estudado. Quanto mais simples e objetivo, melhor. O importante é que se apresentem bem as ideias e as relações estabelecidas.

Para refletir

Você sabe a diferença entre quadro e tabela?

As tabelas são construídas a partir de dados obtidos pelo próprio pesquisador, utilizando números absolutos ou porcentagens. Elas não possuem as linhas verticais laterais exteriores que as fechariam como um quadro. Os quadros são elaborados com base em dados obtidos em outras fontes e devem ser fechados nas laterais. Os quadros não necessariamente requerem números para representação dos dados.

Estrutura do trabalho científico

A ABNT NBR 14724, de 2011, se ocupa de especificar os princípios gerais para a elaboração de trabalhos acadêmicos (trabalhos de conclusão de cursos, teses, dissertações e outros), visando a sua apresentação à instituição (banca, comissão examinadora de professores, especialistas designados e/ou outros).

A estrutura dos trabalhos acadêmicos compreende elementos pré-textuais, elementos textuais e pós-textuais, conforme segue:

Elementos pré-textuais

Capa: elemento obrigatório. As informações são apresentadas na seguinte ordem:

- a. nome da instituição (opcional);
- b. nome do autor;
- c. título: deve ser claro e preciso, identificando o seu conteúdo e possibilitando a indexação e recuperação da informação;
- d. subtítulo: se houver, deve ser precedido de dois pontos, evidenciando a sua subordinação ao título;
- e. local (cidade) da instituição onde deve ser apresentado;
- f. ano de depósito (da entrega).

Folha de rosto: elemento obrigatório, segue a ordem:

- a. nome do autor;
- b. título;
- c. subtítulo, se houver;
- d. natureza: tipo do trabalho (tese, dissertação, trabalho de conclusão de curso e outros) e objetivo (aprovação em disciplina, grau pretendido e outros); nome da instituição a que é submetido; área de concentração;
- e. nome do orientador e, se houver, do coorientador;
- f. local (cidade) da instituição onde deve ser apresentado;
- g. ano de depósito (da entrega).

Errata: elemento opcional. Deve ser inserida logo depois da folha de rosto, contendo inicialmente a referência do trabalho seguida do texto da errata.

Folha de aprovação: elemento obrigatório. Deve ser colocada depois da folha de rosto, deve conter o nome do autor do trabalho, título do trabalho e subtítulo (se houver), natureza (tipo do trabalho, objetivo, nome da instituição a que é submetido, área de concentração) data de aprovação, nome, titulação e assinatura dos componentes da banca examinadora e instituições a que pertencem. A data de aprovação e as assinaturas dos membros componentes da banca examinadora devem ser colocadas somente após a aprovação do trabalho.

Dedicatória: elemento opcional. Deve ser inserida após a folha de aprovação.

Agradecimentos: elemento opcional. Devem ser inseridos após a dedicatória.

Epígrafe: elemento opcional. Elaborada conforme a ABNT NBR 10520. Deve ser inserida após os agradecimentos. Podem também constar epígrafes nas folhas ou páginas de abertura das seções primárias.

Resumo na língua vernácula: elemento obrigatório. Elaborado conforme a ABNT NBR 6028. É uma síntese do trabalho. Tem por intuito informar o leitor. Na primeira frase, deve constar o assunto, na sequência, o(s) objetivo(s) do estudo, a metodologia adotada na pesquisa, os resultados e as considerações finais (conclusão). Deve ser digitado em espaço simples e sem abertura de parágrafos e ter entre 250 e 500 palavras (esse número pode variar de acordo com as normas da instituição em que se vai publicar o trabalho). Não se devem esquecer das palavras-chave. E lembre-se:

- Em resumo, não se fazem citações.
- Palavras-chave: são termos que possibilitam a recuperação de um documento. Coloque no máximo três.

Resumo em língua estrangeira: elemento obrigatório. Elaborado conforme a ABNT NBR 6028. A instituição pode solicitar que seja elaborado ou espanhol, ou em inglês, ou em francês. Devem acompanhar o resumo as palavras-chave, também transcritas na língua estrangeira escolhida.

Lista de ilustrações: elemento opcional. Feita de acordo com a ordem em que se apresentam no texto, com cada item designado por seu nome específico, travessão, título e respectivo número da folha ou página em que se encontra.

Lista de tabelas: elemento opcional. Elaborada de acordo com a ordem apresentada no texto, com cada item designado por seu nome específico, acompanhado do respectivo número da página em que se encontra.

Lista de abreviaturas e siglas: elemento opcional. É a relação alfabética das abreviaturas e siglas utilizadas no texto, seguidas das palavras ou expressões correspondentes grafadas por extenso.

Sumário: elemento obrigatório. Elaborado conforme a ABNT NBR 6027.

Elementos textuais

Introdução: a introdução deve apresentar de forma clara, coerente e simples o tema sobre o qual o pesquisador se debruçou, o problema que pretende elucidar com a pesquisa, os objetivos a atingir, a importância e sua relação com o assunto (que é a justificativa para o estudo), a metodologia adotada, uma rápida apresentação de trabalhos que fundamentaram a pesquisa e, ao final, dar um panorama geral e breve do que será discutido em cada capítulo.

Na introdução, se devem transcrever os itens do projeto (tema, problema, justificativa, objetivos, metodologia, exceto o cronograma e as referências) em forma dissertativa, isto é, sem marcadores ou tópicos. Mas não se esqueça dos princípios básicos da construção de textos da língua portuguesa: a coerência, a coesão e a unidade textual.

Desenvolvimento: o desenvolvimento corresponde ao corpo do trabalho, é o texto em si, excetuando a introdução e a conclusão. Assim, devem constar a Fundamentação Teórica, a Metodologia e, quando for uma pesquisa de campo, a Análise e Interpretação dos Dados.

Na Fundamentação Teórica, observe os pontos a seguir:

- Para a produção de um texto acadêmico, é necessário realizar um levantamento bibliográfico ou "estado da arte": um estudo aprofundado da bibliografia selecionada que discute o tema escolhido.
- Ao trazer ideias já discutidas por teóricos da área de estudo, quer na íntegra, quer parafraseadas, lembre-se de que é imprescindível citar adequadamente a fonte, apresentando: autor, data e número da página de onde foi retirado o texto do outro autor.

Desse modo, para que possamos elaborar o desenvolvimento, é preciso que recorramos à literatura pertinente buscando o embasamento necessário para o nosso estudo. É no processo de escrita do desenvolvimento que utilizamos as citações, que servem para abalizar ou contradizer aquilo que escrevemos. É isso que acrescenta científicidade ao texto acadêmico.

Considerações Finais ou Conclusão: o momento da escrita das considerações finais é, sem dúvida, o mais esperado durante todo o processo de escrita do trabalho e, até mesmo, do curso que se está realizando. No entanto, encerrar um trabalho exige um esforço de concentrar tudo o que se observou, estudou, pesquisou, elaborou, de forma concisa e pontual.

Por esse motivo, as citações devem ser evitadas, pois é o momento de encerrar um trabalho, expondo nele suas aprendizagens, verificando se os objetivos propostos lá na introdução foram atingidos.

Se a escrita não estiver fluindo, experimente fazer uma lista com os principais tópicos do trabalho, seguido de um resumo de cada um. Depois retire os títulos dos tópicos e procure fazer um texto dissertativo com os resumos elaborados. Lembre ainda de inserir os principais dados que o(a) levaram àquelas conclusões.

De modo geral, as considerações devem apresentar:

- breve resumo de cada capítulo abordado;
- síntese dos resultados alcançados;
- sugestões para outras pesquisas.

Outro ponto importante é enfatizar qual foi a contribuição do trabalho para a área de estudo e quais as lacunas que não puderam ser preenchidas e que abrem espaço para novas pesquisas na área.

Elementos pós-textuais

Evidentemente são os elementos que figuram após o desenvolvimento de todo o trabalho e que apresentam características específicas, sendo alguns tópicos opcionais e outros obrigatórios. São elementos pós textuais:

Referências: a lista de referências é obrigatória em qualquer tipo de trabalho e nela devem figurar apenas os materiais que foram citados ao longo do trabalho. As referências utilizadas como leitura e estudo não podem ser relacionadas aqui. Como vimos, podemos fazer uso de diversas outras fontes que não apenas bibliografia,

entre elas: softwares, cds, dvds, internet, para citar algumas. Logo, o nome da lista deve ser apenas “Referência”, não incluindo a palavra “bibliográfica” já que não estamos falando apenas de livros.

Essa lista apresenta duas funções primordiais: demonstrar quais foram as obras utilizadas para dar sustentação teórica ao trabalho e ainda permitir que os leitores possam consultar essas fontes para complementar a leitura.

Glossário: esse é um elemento opcional e objetiva apresentar palavras que não sejam de uso comum do leitor, causando dúvida a respeito de seu significado. A lista, tal qual as referências, deve ser apresentada em ordem alfabética, facilitando a busca.

Apêndice: o apêndice é também um elemento opcional e nele devem ser inseridos documentos elaborados pelo próprio autor do trabalho. É importante classificar o apêndice utilizando uma letra maiúscula, seguida do nome do apêndice, sempre centralizado.

Anexos: são também elementos opcionais e apresentam documentos, textos que não foram elaborados pelo autor do trabalho. Seguem a mesma apresentação do apêndice.

Índice: último elemento opcional, tem por objetivo organizar sistemática e alfabeticamente termos, frases ou palavras.

Comunicação da pesquisa

Depois de um exaustivo trabalho de pesquisa que envolve muito estudo, escolha de fontes que propiciem a adequada fundamentação teórica da pesquisa, levantamento e tabulação de dados e, finalmente, a cuidadosa escrita de tudo que foi visto, é necessário pensar que não se pretende, de modo algum, que tudo isso

fique escondido em uma gaveta, após defesa para uma banca. A disseminação de seu trabalho propiciará que tantos outros pesquisadores, alunos, leitores de modo geral, possam ter acesso a tudo que você produziu.

Em geral, nossa tendência é pensar que ninguém dará importância a tudo que realizamos e que o trabalho todo se encerra com a apresentação final.

É preciso, após a apresentação, buscar um meio de divulgar seu trabalho. A forma mais comum de fazer isso é redesenhar o trabalho para o formato de artigo científico para publicação em congressos ou em revistas especializadas.

Cada evento ou revista publicará suas normas para apresentação de trabalho, e esse é um primeiro passo para que seu artigo seja aceito. Cada instituição estabelece suas próprias normas e essas devem ser rigorosamente atendidas.

Importante salientar ainda que, se você tiver pressa na publicação, deve optar por algum evento na área. Eles são muito mais rápidos para dar retorno sobre a possibilidade da publicação. Lembre-se ainda de que, se enviar um artigo para determinada revista, você não pode enviar o mesmo artigo simultaneamente para outra revista nem mesmo para eventos na área, pois se exige publicação inédita. Muitas vezes, a publicação em um periódico científico importante da área pode levar até mais de um ano para ser lido pelos pareceristas. Por isso, a recomendação expressa de não se ter pressa nesse caso.

Outro ponto a se observar é a classificação *qualis* da revista que você escolheu para enviar seu trabalho.

O Qualis Periódicos está dividido em oito estratos, em ordem decrescente de valor:

A1, A2, B1, B2, B3, B4, B5 e C.

Qualis é o conjunto de procedimentos utilizados pela Capes para estratificação da qualidade da produção intelectual dos programas de pós-graduação. Tal processo foi concebido para atender às necessidades específicas do sistema de avaliação e é

baseado nas informações fornecidas por meio do aplicativo Coleta de Dados. Como resultado, disponibiliza uma lista com a classificação dos veículos utilizados pelos programas de pós-graduação para a divulgação da sua produção.

A estratificação da qualidade dessa produção é realizada de forma indireta. Dessa forma, o Qualis afere a qualidade dos artigos e de outros tipos de produção, a partir da análise da qualidade dos veículos de divulgação, ou seja, periódicos científicos.

A classificação de periódicos é realizada pelas áreas de avaliação e passa por processo anual de atualização. Esses veículos são enquadrados em estratos indicativos da qualidade - A1, o mais elevado; A2; B1; B2; B3; B4; B5; C - com peso zero.

Indicação de leitura

Nome do livro: Estudo de Caso: Planejamento e métodos

Editora: Bookman

Autor: Robert K. Yin

ISBN: 978-85-8260-231-7

Ao oferecer uma abordagem completa do planejamento e do uso do estudo de caso como um método de pesquisa, este clássico aborda o tema, mostra a sua aplicação e fornece acesso a casos oriundos de uma grande variedade de campos acadêmicos e aplicados. O objetivo do livro é contribuir para a melhoria de métodos e práticas de ciências sociais.

Conclusão

Esperamos que você tenha gostado e aprendido com a leitura deste livro, ou que, ao menos, tenha despertado em você a vontade de aprender mais, pois um assunto nunca se esgota. Basta acrescentarmos a ele o nosso olhar, as nossas aprendizagens anteriores, a nossa prática.

Esperamos que este material sirva de apoio para a construção de suas pesquisas e que também tenha mostrado o quanto é importante desenvolver e disseminar pesquisa em nosso país. Acreditamos que foi importante refletirmos sobre o real significado e importância do conhecimento, considerando uma visão da história da humanidade, distinguindo diferentes tipos de conhecimento e seus desdobramentos, pois há uma visão distorcida sobre a ciência, que se chama scientificismo ou positivismo, que valoriza a ideia de que a ciência está acima de todas as outras formas de conhecimento.

Buscamos explanar sobre a importância de desenvolver um projeto, sempre que se quer realizar uma pesquisa científica, pois ele é o mapa que define onde podemos chegar com a pesquisa que queremos fazer. Para poder elaborar um bom projeto, que contemple todas as nossas necessidades, devemos seguir uma estrutura que facilitará nosso posterior estudo, escrita e disseminação da pesquisa. Viabilizou-se também observar a importância de trazer o olhar de diferentes autores sobre o tema no qual nos debruçamos, pois isso agrega valor de autoridade para fundamentar nossas ideias. Como não basta colocar as citações, é preciso saber como grafá-las, disponibilizamos algumas regras básicas para fazer uso delas.

Tivemos também por intenção apresentar as principais características de um trabalho monográfico e seus conceitos, identificando alguns princípios gerais para a elaboração de trabalhos acadêmicos. Outro ponto de destaque foi verificar quais

elementos devem compor a estrutura de tais trabalhos e, principalmente, a relevância de se comunicar a pesquisa realizada, disseminando o conhecimento obtido, para que outras pessoas possam também aprender com ele. Ao produzir este material, estávamos pensando em contribuir com o desenvolvimento de seus trabalhos, mas também gostaríamos de lembrá-lo que não houve a pretensão de esgotar tal assunto. Na verdade, temos aqui uma breve visão do que é pesquisar. Esperamos assim contribuir para fomentar em você o desejo de sempre aprender e buscar mais conhecimento.

Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **Informação e documentação.** Artigo em publicação periódica científica impressa - Apresentação. NBR 6022. Rio de Janeiro, 2003.

----- **Informação e documentação.** Citações em documentos - Apresentação. NBR 10520. Rio de Janeiro, 2002.

----- **Informação e documentação.** Numeração progressiva das seções de um documento escrito - Apresentação. NBR 6024. Rio de Janeiro, 2003.

----- **Informação e documentação.** Projeto de pesquisa – Apresentação. NBR 15287. Rio de Janeiro, 2011.

----- **Informação e documentação.** Publicação periódica científica impressa - Apresentação. NBR 6021. Rio de Janeiro, 2003.

----- **Informação e documentação.** Referências - Elaboração. NBR 6023. Rio de Janeiro, 2002.

ANDERY, M. A. et al.. O mito explica o mundo. In: **Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica.** Rio De Janeiro: Garamond, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Portal de Periódicos CAPES. (www.periodicos.capes.gov.br)

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 2000.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica.** 4. ed. São Paulo: Makron Books, 2003.

CHAUI, M. **Convite à filosofia.** São Paulo: Ática, 2003.

ELIADE, M. **Aspectos do Mito**. Martins Fontes, São Paulo, 1986.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

KÖCHE, J. C. **Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e prática da pesquisa**. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

LAKATOS, I. M.; MARCONI, M. de A. **Metodologia científica**. 6. ed., rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2008.

LUCKESI, C. C.; PASSOS, E. S. **Introdução à filosofia: aprendendo a pensar**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 1986.

MINAYO, M. C. S. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. S (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 33. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

POPPER, K. R. **A sociedade aberta e seus inimigos**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.

SCIELO. Scientific Electronic Library Online.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed., rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2008.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2001.

VELHO, L. Conceitos de Ciência e a Política Científica, Tecnológica e de Inovação. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 13, n. 26, 2011

VERNANT, J. **Mito e Pensamento entre os Gregos**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, Ed. da Universidade de São Paulo, 1993.

Atividades

Atividades - Unidade I

O conceito de metodologia carrega consigo a compreensão de caminhos, formas, maneiras e procedimentos. A dimensão formal da disciplina de metodologia é constituída por todas as normas que devem ser seguidas nas etapas do processo de elaboração do conhecimento científico.

Indique a assertiva correta:

- A) A dimensão formal é uma atividade-fim e constitui a forma de apresentar toda a pesquisa científica.
- B) Para elaborar um trabalho científico, é necessário avaliar as normas e cumprir o que julgar necessário.
- C) As normas de metodologia valem para todos, exceto pesquisadores em nível de pós-doutorado.
- D) Poucas são as regras para apresentar o trabalho de pesquisa científica.
- E) Ao realizar as tarefas de pesquisa, é necessário fazê-las com cuidado e dedicação, cumprindo todas as exigências.

Conforme o ramo das ciências, os objetos do conhecimento podem ser classificados em:

- A) Objetos naturais, culturais e ideais.
- B) Objetos sociais, cognoscíveis e culturais.
- C) Objetos fundamentais, ideais e artificiais.
- D) Objetos centrais, gerais e ideais.
- E) Nenhuma das Alternativas

Qual é o conhecimento que se baseia na fé, tentando explicar medos que a ciência não consegue explicar?

- A) Popular.
- B) Científico.
- C) Filosófico.
- D) Religioso.
- E) Nenhuma das alternativas.

Atividades - Unidade II

É uma ciência e, ao mesmo tempo, uma arte de planejar procedimentos de estudos para obter e construir novas descobertas, novas interpretações, novas teorias consideradas válidas pela comunidade científica.

O parágrafo acima refere-se:

- A) à metodologia.
- B) ao roteiro bibliográfico.
- C) ao projeto de pesquisa.
- D) a uma carta de intenções.
- E) à biblioteca eletrônica Scielo.

Após a escolha do tema e dos objetivos a serem desenvolvidos, cabe ao pesquisador transformar o tema em um problema para o qual se buscará apontar soluções. Sobre o problema é correto afirmar que:

pl. O problema deve ser redigido em forma de pergunta e estar intimamente relacionado ao objetivo geral que se pretende atingir.

plI. Obrigatoricamente o problema começa com um verbo no infinitivo.

plII. O problema delimita, com exatidão, qual tipo de resposta deve ser procurado.

pIV. Só se faz necessário estabelecer um problema para a pesquisa se houver pesquisa de campo.

pAssinale a alternativa correta:

- A) Apenas as afirmativas I e II estão corretas.
- B) Apenas as afirmativas II e IV estão corretas.
- C) Apenas as afirmativas I e III estão corretas.
- D) Apenas a afirmativa II é verdadeira.
- E) Apenas a afirmativa IV é verdadeira.

"Estabelece a meta principal a ser atingida ao final da pesquisa."

pAssinale a assertiva que corresponde adequadamente à citação acima.

- A) Problema da pesquisa.
- B) Objetivo Geral.
- C) Objetivo Específico.
- D) Tema.
- E) Justificativa.

Atividades - Unidade III

Cópia literal de trecho de um texto mantendo a grafia original, assim como pontuação e idioma. Nada deve ser alterado. Podem ser curtas, quando se apresentam com até três linhas, ou longas, quando têm mais de três linhas. Esse é o conceito de:

- A) citação indireta.
- B) citação de citação.
- C) citação direta.
- D) paráfrase.
- E) epígrafe.

Este tipo de citação deve figurar em parágrafo próprio, recuado a 4 cm da margem esquerda, sem aspas e fonte menor que a utilizada no texto. Assim deve ser grafada:

- A) a citação longa.
- B) a citação curta.
- C) a citação de citação.
- D) a paráfrase.
- E) a epígrafe.

AUTOR. Título: subtítulo. Ano de apresentação. Número de folhas ou volumes. Categoria (grau) - Instituição, local, data.

- A) Capítulo de livro.
- B) Livro com organizador.
- C) Tese.
- D) Artigo de revista.
- E) Internet.

Atividades - Unidade IV

São pesquisas que têm por objetivo descrever características de uma população ou de um fenômeno, propondo relações entre as variáveis. Os questionários e as observações sistemáticas são técnicas de coleta de dados pertencentes a essa classificação de pesquisa.

Estamos nos referindo à:

- A) pesquisa documental.
- B) pesquisa qualitativa.
- C) pesquisa descritiva.
- D) pesquisa de campo.
- E) pesquisa explicativa.

Existem algumas pesquisas que são desenvolvidas no mesmo local em que ocorrem os fenômenos que se desejam pesquisar e se ocupam de identificar as características dos indivíduos que compõem tal universo de estudo, por meio de questionamentos acerca do problema, sendo analisados quantitativamente. Esse é um conceito para que tipo de pesquisa?

- A) De campo.
- B) Bibliográfica.
- C) Documental.

D) Estado da arte

E) Qualitativa.

Este é considerado um método qualitativo que consiste em uma maneira de examinar uma unidade individual. Essa “individualidade” pode ser apreendida como um agrupamento de relações, uma comunidade, um certo período de tempo, um programa de tv, uma religião, um curso, entre outros. Estamos falando de:

A) pesquisa participante.

B) pesquisa de campo.

C) estudo de caso.

D) pesquisa documental.

E) questionário.